



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
INSTITUTO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO COMUNICAÇÃO, CULTURA E  
AMAZÔNIA

ÉDIPO DE QUEIROZ SANTIAGO

**FESTIVAL RIO OURICURI: MÚSICA, ARTE E SUSTENTABILIDADE**

Socialidades no interior da Amazônia paraense

BELÉM

2023

ÉDIPO DE QUEIROZ SANTIAGO

**FESTIVAL RIO OURICURI: MÚSICA, ARTE E SUSTENTABILIDADE**

Socialidades no interior da Amazônia paraense

Dissertação apresentada ao Programa de Pesquisa em Comunicação, Cultura e Amazônia – PPGCOM, da Universidade Federal do Pará, como parte dos requisitos para a obtenção do título de mestre em Comunicação.

Linha de pesquisa: Comunicação, Cultura e Socialidades.

Orientadora: Dra. Marina Ramos Neves de Castro.

BELÉM

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD  
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará  
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a)  
autor(a)

---

D278f de Queiroz Santiago, Édipo.  
FESTIVAL RIO OURICURI: MÚSICA ARTE E  
SUSTENTABILIDADE : Socialidades no interior da  
Amazônia paraense / Édipo de Queiroz Santiago. — 2022.  
97 f. : il. color.

Orientador(a): Profª. Dra. Marina Ramos Neves de  
Castro  
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará,  
Instituto de Letras e Comunicação, Mestrado Profissional em  
Letras em Rede Nacional, Belém, 2022.

1. amazônia urbana. 2. cultura. 3. capanema. 4.  
festival. I. Título.

---

CDD 302



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
POS-GRADUACAO COMUNICACAO, CULTURA E AMAZONIA

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO Nº 146/2022 - PPGCOM (11.40.07)

Nº do Protocolo: 23073.039247/2022-81

Belém-PA, 15 de julho de 2022.

**Defesa de Dissertação**  
Ata de Desempenho de Discente

Aos **quatorze** dias do mês de **julho** de **dois mil e vinte e dois**, às **quinze** horas, foi realizada, através de videoconferência administrada pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia (PPGCOM) da Universidade Federal do Pará (UFPA), a **Defesa de Dissertação** de **Édipo de Queiroz Santiago**, discente do curso de Mestrado, cujo trabalho intitula-se: **FESTIVAL RIO OURICURI - MÚSICA, ARTE E SUSTENTABILIDADE - SOCIALIDADES NO INTERIOR DA AMAZÔNIA PARAENSE**. A Comissão Examinadora, constituída pelos docentes **Antônio Maurício Dias da Costa** (IFCH/UFPA), **Marina Ramos Neves de Castro** (PPGCOM/UFPA) e **Otacílio Amaral Filho** (PPGCOM/UFPA), emitiu o seguinte parecer:

---

Acrescentar na introdução a orientação metodológica em relação ao objeto e ao campo no processo de pesquisa, informando e contextualizando o objeto a partir da experiência do pesquisador, assim como esclarecer qual o papel do pesquisador no festival na participação /organização do festival em questão. Assim, apresentar-se e relatar, igualmente na introdução, esclarecendo quem é o pesquisador no contexto do objeto e da pesquisa.

---

Resultado final:

**( X ) Aprovado condicionado a pequenas alterações**

Eu, **Marina Ramos Neves de Castro**, orientadora e presidente da Comissão, lavrei a presente ata que segue por mim assinada e pelos demais membros da Comissão Examinadora.

Profa. Dra. Marina Ramos Neves de Castro (Orientadora - PPGCOM/UFPA)

Prof. Dr. Otacílio Amaral Filho (Avaliador Interno - PPGCOM/UFPA)

Prof. Dr. Antônio Maurício Dias da Costa (Avaliador Externo - IFCH/UFPA)

*(Assinado digitalmente em 15/07/2022 15:00)*

ANTONIO MAURICIO DIAS DA COSTA

PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR

IFCH (11.38)

Matrícula: ###165#4

*(Assinado digitalmente em 09/09/2022 15:04)*

MARINA RAMOS NEVES DE CASTRO

PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR

ILC (11.40)

Matrícula: ###629#1

*(Assinado digitalmente em 09/09/2022 14:09)*  
OTACILIO AMARAL FILHO  
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR  
ILC (11.40)  
Matricula: ###75#7

Para verificar a autenticidade deste documento entre em <https://sipac.ufpa.br/public/documentos/index.jsp> informando seu número:  
146, ano: 2022, tipo: ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO, data de emissão: 15/07/2022 e o código de verificação:  
591aeffb0



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
SISTEMA INTEGRADO DE PATRIMÔNIO, ADMINISTRAÇÃO E  
CONTRATOS

FOLHA DE ASSINATURAS

---

Emitido em 18/01/2023

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO N° 8/2023 - PPGCOM (11.40.07)

(N° do Protocolo: NÃO PROTOCOLADO)

*(Assinado digitalmente em 18/01/2023 15:27)*  
SIMONE COELHO SAGICA  
AUXILIAR EM ADMINISTRAÇÃO  
ILC (11.40)  
Matricula: ###076#6

Para verificar a autenticidade deste documento entre em <https://sipac.ufpa.br/documentos/> informando seu número: 8  
, ano: 2023, tipo: ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO, data de emissão: 18/01/2023 e o código de verificação:  
a716d8d7a0

Aos meus pais, Antonia de Queiroz Santiago e Manoel do Nascimento Almeida Santiago, por todo incentivo; à minha orientadora, Dra. Marina Ramos Neves de Castro, e aos doutores Alda Cristina Costa, Vânia Maria Torres Costa e Paulo Nunes, pelo aprendizado seminal para ingresso no mestrado.

## **AGRADECIMENTOS**

Aos meus pais, Antonia de Queiroz Santiago e Manoel do Nascimento Almeida Santiago, por serem a minha inspiração maior.

Aos meus irmãos, Elton de Queiroz Santiago, Elenilson de Queiroz Santiago, e às minhas cunhadas Andreia Santiago e Sandra Santiago, pelo apoio.

À minha orientadora Marina Ramos Neves de Castro, pela compreensão, apoio e incentivo. Aos professores do PPGCOM-UFPA, pelo conhecimento adquirido no momento de pandemia pelo qual todos nós passamos.

A Geovane da Silva Maximo e toda equipe que construiu o Festival Rio Ouricuri permitindo que tantas iniciativas e artistas chegassem tão longe.

“Valeu a pena? Tudo vale a pena

Se a alma não é pequena.

Quem quer passar além do Bojador

Tem que passar além da dor.

Deus ao mar o perigo e o abismo deu,

Mas nele é que espelhou o céu”

(Fernando Pessoa)



## RESUMO

Este trabalho tem como objeto de pesquisa compreender possíveis construções identitárias e de socialidades presentes na cidade de Capanema, Pará a partir da programação da 3ª edição virtual do Festival Rio Ouricuri. A pesquisa buscou compreender os fenômenos comunicativos presentes nessa edição do Festival Rio Ouricuri. Para a realização da pesquisa foram realizadas entrevistas estruturadas com sujeitos envolvidos no processo de produção pertencente à organização do Festival. Buscou-se recuperar brevemente, a partir de registros bibliográficos, a contextualização da formação cultural da cidade de Capanema para apresentar o festival em suas três edições. Tais entrevistas foram realizadas em fevereiro de 2022. Esta dissertação é motivada pela hipótese da existência de uma Amazônia existente em Capanema, cidade periférica, e que é diversa da imagem tradicionalmente veiculada nos meios de maior alcance, sobretudo TV, rádio, mídia impressa e portais de notícias regionais. Isto é, há uma Amazônia além das imagens reducionistas urbe/floresta/ribeirinha promovida pelas mídias. Compreende-se que tal dicotomia invisibiliza os sujeitos da Amazônia periférica urbana, ou seja, de cidades médias como Capanema. A pesquisa relaciona-se com a ideia do estar-junto enunciado por Maffesoli (2006), de processos de sociação de Simmel (1983) e utiliza uma metodologia que possui pesquisa bibliográfica, pesquisa qualitativa com instrumento de entrevista semiaberta a partir da coleta de registros orais e inspiração etnográfica.

**Palavra-chave:** Amazônia urbana; cultura; Capanema; festival.

## ABSTRACT

This piece of work has as its object of research to understand possible constructions of society and identity present in the city of Capanema, state of Pará, using the agenda of the 3rd virtual edition of the Rio Ouricuri Festival. The research seeks to understand the communicative phenomena present in the 3rd edition of the Rio Ouricuri Festival. In order to execute the research, structured interviews were carried out with several subjects involved in the production process, musical presentation and media presentation of the Festival. We seek to briefly recover, from bibliographic records, the contextualization of the cultural formation to present at the Festival in its third edition. Such interviews were carried out in February 2022. This dissertation is motivated by the hypothesis of the existence of an Amazon that exists in Capanema, a peripheral city that is different from the image traditionally conveyed in the wider media, especially TV, radio, print media and news portals. In that way, the existence of an Amazon beyond the reductionist images, urban/forest/riverside, promoted by the media. In our understanding, this dichotomy makes the subjects of urban peripheral Amazon invisible, such as medium-sized cities like Capanema. The research is related to the idea of being-together enunciated by Maffesoli (2006), sociation processes by Simmel (1983), and uses a methodology that has bibliographic research, qualitative research with a semi-open interview instrument gathered from the collection of oral records and content analysis of those speeches.

**Keywords:** Urban Amazon; culture; Capanema; festival.

## LISTA DE FIGURAS

|  |    |
|--|----|
| Figura 1 – Dupla de imagens de ensaio-protesto Laranja.....  | 15 |
| Figura 2 – Cartaz da primeira edição do Festival Rio Ouricuri.....   | 29 |
| Figura 3 – Programação completa da 1ª edição.....  | 31 |
| Figura 4 – Programação relativa ao tema sustentabilidade da 2ª edição do Festival.....   | 34 |
| Figura 5 – Grupo de carimbó durante apresentação na Feira de Agricultura Familiar na praça Moura.....  | 35 |
| Figura 6 – Curso de Agricultura Sintrópica.....  | 36 |
| Figura 7 – Conversa sobre Ayurveda e Yoga.....   | 37 |
| Figura 8 – Cartaz de programação na praça Moura Carvalho.....  | 38 |
| Figura 9 – Feira de produtos da agricultura familiar.....  | 39 |
| Figura 10 – Atrações artísticas e musicais do Festival.....  | 41 |
| Figura 11 – Montagem de espaço para fotos de artistas com tapete verde.....  | 41 |
| Figura 12 – Site do Festival.....  | 42 |
| Figura 13 – Samanta Ramos, da equipe, posa em painel com itens reutilizados.....   | 42 |
| Figura 14 – Apresentação Ceuvátika.....  | 44 |
| Figura 15 – Apresentação do capanemense Dick Casanova e banda.....   | 44 |
| Figura 16 – Apresentação de rap N-Day.....   | 45 |
| Figura 17 – Apresentação do grupo de carimbó Ouricuri.....   | 45 |
| Figura 18 – MC Pokaroupas, artista não binária capanemense.....  | 46 |
| Figura 19 – Banda Redima (rock).....   | 47 |
| Figura 20 – Banda castanhalense de rock progressivo Dead Now.....  | 47 |
| Figura 21 – Banda Los Pelicanos.....   | 48 |
| Figura 22 – Banda Paralelo Onze.....   | 48 |
| Figura 23 – Entrega do prêmio Rio Ouricuri de Sustentabilidade à agricultura Raimunda Tavares dos Santos por Geovane Maximo – coordenador geral do Festival..... | 49 |
| Figura 24 – Banda Cérebro de Galinha.....  | 49 |
| Figura 25 – Post Alex Ribeiro.....   | 51 |
| Figura 26 – Post Cérebro de Galinha.....   | 52 |
| Figura 27 – Post Ceuvátika.....  | 53 |
| Figura 28 – Post Dead Now.....   | 53 |
| Figura 29 – Post Dick Casanova.....  | 55 |
| Figura 30 – Grupo de Carimbó Ouricuri.....   | 56 |
| Figura 31 – Post Los Pelicanos.....  | 57 |
| Figura 32 – Post MC Pokaroupas.....  | 57 |
| Figura 33 – Post N-Day.....  | 58 |
| Figura 34 – Post Paralelo Onze.....  | 59 |
| Figura 35 – Post Redima.....   | 60 |
| Figura 36 – Post Allyster.....   | 61 |
| Figura 37 – Post AMSCAP.....   | 62 |
| Figura 38 – Post Dançando a tradição.....  | 64 |
| Figura 39 – Post Arte na veia.....   | 66 |
| Figura 40 – Post Gessica Lima.....   | 67 |
| Figura 41 – Post CSC.....  | 68 |

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

AMPRAFC – Associação Municipal dos Produtores Rurais na Agricultura Familiar de Capanema

AMSCAP – Associação da Marujada de São Sebastião de Capanema

ASCAP – Associação Cultural de Capanema

CIBRASA – Cimentos do Brasil S/A

EFB – Estrada de Ferro Belém-Bragança

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

MCC – Movimento Cultural de Capanema

MEU – Movimento Unificado de Estudantes

SEMMA – Secretaria Municipal de Meio Ambiente de Capanema

SECULT – Secretaria Municipal de Cultura de Capanema

SEBRAE – Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas

SMC – Sistema Municipal de Cultura

UFPA – Universidade Federal do Pará

UFRA – Universidade Federal Rural da Amazônia

## SUMÁRIO

|  |           |
|--|-----------|
| <b>1 APRESENTAÇÃO: O LUGAR DO PESQUISADOR E O CAMPO DE PESQUISA</b>  | 14        |
| <b>2 INTRODUÇÃO – O OBJETO E A PESQUISA</b>  | 18        |
| <b>3 A PAISAGEM DE CAPANEMA E O FESTIVAL RIO OURICURI</b>  | 21        |
| 3.1 CAPANEMA: IDENTIDADE URBANA E AMAZÔNICA?   | 22        |
| 3.2 CULTURA EM MOVIMENTO – FORMAÇÃO TÉCNICA EM PRODUÇÃO CULTURAL, O EMBRIÃO DO FESTIVAL RIO OURICURI                                   | 27        |
| <b>3.2.1 1ª edição do Festival Rio Ouricuri</b>  | <b>29</b> |
| <b>3.2.2 2ª edição do Festival Rio Ouricuri</b>  | <b>34</b> |
| <b>3.2.3 Programação Sustentabilidade</b>  | <b>36</b> |
| <b>3.2.4 Programação musical</b>   | <b>39</b> |
| 3.3 3ª EDIÇÃO DO FESTIVAL RIO OURICURI   | 40        |
| 3.4 APRESENTAÇÕES MUSICAIS   | 51        |
| 3.5 APRESENTAÇÕES ARTÍSTICAS   | 61        |
| 3.6 EMPREENDIMENTOS CRIATIVOS  | 68        |
| <b>4 COMUNICAÇÃO E SOCIAÇÃO</b>  | 70        |
| 4.1 PESQUISA DOS AFETOS E ESTRATÉGIAS DO SENSÍVEL  | 74        |
| 4.2 IDENTIDADE OU IDENTIFICAÇÃO?   | 78        |
| <b>5 FESTIVAL RIO OURICURI – MÚSICA, ARTE E SUSTENTABILIDADE: SOCIALIDADES, AFETOS E PRODUÇÃO CULTURAL NA AMAZÔNIA URBANA PARAENSE</b> | 82        |
| <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>  | 92        |
| <b>REFERÊNCIAS</b>   | 94        |

## 1 APRESENTAÇÃO: O LUGAR DO PESQUISADOR E O CAMPO DE PESQUISA

Esconda-se. Fale baixo. Seja agradável. Tire as melhores notas. Busque a perfeição. Não seja um problema. Diga sim, mesmo quando está querendo dizer NÃO. Não confronte. Aceite certas decisões mesmo sabendo que ela foi, pra ser sutil, injusta. Essa foi durante 30 anos, e ainda é, em grande medida, as frases que um capanemense ouvira e falava para si mesmo. Na sua genealogia é filho de uma, agora, comerciante de classe média baixa. Ela, Antonia de Queiroz Santiago, sua mãe, iniciara a vida como uma agricultora ainda criança ao lado de seus oito irmãos em uma comunidade chamada 7ª travessa, a 14 quilômetros de Capanema. Ao casar-se com Manoel do Nascimento Almeida Santiago fora morar na periferia e depois em um bairro alagadiço na passagem Santa Helena, 1004. Lá eles vivem há mais de 30 anos e desses, mais de 20 ela dedicara-se a vender Avon, lingerie, semijoia, ouro e roupa. Sim, fora sacoleira por mais de 20 anos em uma bicicleta. Quando decidira se arriscar em comprar uma moto, seu marido recomendou que comprasse uma mobinete. Ela, extremamente, brava disse, e ainda repete que com ela, OU É ou NÃO É”. Esse é um de seus inúmeros bordões que expressam seu compromisso em fazer suas coisas com capricho e excelência e seu humor, às vezes ácido, herança de seu pai, nordestino pragmático e bem-humorado. De minha mãe herdei o ímpeto, a força, a capacidade de sonhar e buscar realizar seus sonhos. É dela a dificuldade de dizer não e de ir suportar além do que os recursos emocionais recomendam. Do meu pai, Manoel do Nascimento Almeida Santiago, herdo a tranquilidade, a voz baixa, a tentativa de sempre ir pela via da compreensão. Ele, agora taxista, ainda em atividade com mais de 60 anos, é filho de um modesto e tradicional carpinteiro da cidade (Cipó). Iniciara a vida como motorista da Prefeitura. Foi nessa função há quase 40 anos que conheceu minha mãe. Sabe construir, carpintar, pintar e encantar com sua elegância que não é de sangue, de família, de escola. É de essência.

Ué... A essa altura você deve estar se perguntando: mas o que isso tudo tem a ver com o trabalho de mestrado sobre um festival Independente do interior do estado do Pará? Do Nordeste paraense, para ser mais específico.

Tem tudo a ver.

As marcas do colonialismo e seus corolários: o preconceito com as mulheres, com os gays, com as pessoas que vêm do interior tentar a vida na capital e até a vergonha pela origem dos pais que muitas vezes é cultivada por eles mesmos,

deixaram marcas que já se curaram em grande medida em mim. Mas as cicatrizes estão ali. Foram essas marcas e esse sofrimento que me humanizaram, constituíram-me e sempre permitiram que eu tivesse uma curiosidade arguta para com os excluídos. É verdade que sempre uma aproximação cuidadosa e lenta, haja vista que tocar na dor deles é tocar nas minhas. Foi impelido por esse desejo de curar essa autoestima vilipendiada que construí os principais momentos de minha carreira com esse intuito: ressignificar e apresentar os talentos e diferenças das pessoas do interior. Foi lá que realizei o primeiro jogo de realidade alternativa (*alternate reality game*), o arg 8563893<sup>1</sup>, em que conduzi as pessoas por meio de enigmas a descobrir os atributos nucleares da marca Hypchic, da minha mãe. Foi lá que desenvolvi o ensaio protesto “Laranjas”, que protestava apresentando moradoras com uma faixa laranja no rosto nos locais em que, à época, o prefeito havia feito obras pífias. A mesma faixa laranja era usada no chão nos espaços em que promessas faraônicas de política não haviam sido cumpridas.

Figura 1 – Dupla de imagens de ensaio-protesto Laranja



Pose que ilustra o local onde uma promessa de campanha não fora cumprida.



Venda que sinaliza que o povo está de olhos vendados e de “laranja” pelo cumprimento de alguns feitos.

Fotos: Acervo pessoal do autor

Foi lá também que em 2021 coordenei a comunicação do Festival Rio Ouricuri, objeto desta dissertação.

<sup>1</sup> O Arg 8563893 foi um jogo de realidade alternativa que apresentou as características da marca da loja por meio de enigmas que conduziam os jogadores ao repertório musical, icônico, fashion e imagético da loja. Essa gincana virtual e urbana foi constituída por enigmas que ocorreram nos meses de outubro, novembro e dezembro de 2011. Os enigmas levavam os jogadores aos atributos da marca por meio de totens distribuídos em postes serigrafados, vídeos, peças digitais etc. Tal ação foi objeto de minha monografia em 2013 na Faculdade de Comunicação da Universidade Federal do Pará (UFPA). Para mais detalhes, visitar: [https://www.youtube.com/watch?v=3\\_SPztUfWlw](https://www.youtube.com/watch?v=3_SPztUfWlw).

## CHEGA!

Agora que você me conhece minimamente, creio que fique mais claro porque que um homem “branco”, cisgênero se interessa por estudar um festival independente de uma cidade do interior. É motivado por entender as dores dos excluídos e como esse sistema de opressão que prega ordem e progresso e orchestra as estruturas de dominação que este trabalho se apresenta, como uma necessidade de olhar para nós mesmos, para nossa história, para compreender o mundo e buscar um lugar nele e, especialmente, reivindicar a existência de uma Amazônia diversa ou de Amazônias. É importante destacar o pesquisar no horizonte da pesquisa, uma vez que as relações pessoais, profissionais e de pesquisa se fundem naturalmente, especialmente em uma cidade relativamente pequena. Nesse sentido, convém destacar minha formação em todo ensino fundamental e médio em escolas públicas, seja em creche, ensino fundamental ou médio. Esse detalhe é interessante, pois é pela necessidade de reforço de estudo ingressei em um pré-vestibular da cidade. É nesse cursinho que é formado um grupo de estudo na casa de Gilberto Maximo. Será lá o meu primeiro contato com o coordenador geral do Festival Rio Ouricuri no ano de 2006. Em 2008 sou aprovado no vestibular, porém minha relação com a cidade de Capanema permaneceu, o que pode ser expresso no artigo “Marujadas: a tradição ainda resiste”<sup>2</sup> e em outros trabalhos. Motivado por esse desejo de investigar os fenômenos culturais participei de uma reunião da ASCAP – Associação Cultural de Capanema – no ano de 2014. Essa reunião fora o embrião de uma série de articulações lideradas por Geovane Maximo e outros artistas que engendraram o Cultura em Movimento, um circuito de capacitação e formação de produtores culturais, o Festival Rio Ouricuri e outros projetos. Nesse processo, iniciei, como um dos responsáveis pela estratégia de organização da comunicação, uma página de Facebook para compartilhar as ações dos artistas, uma agenda de ações. Porém, logo em seguida precisei retornar a Belém em função de um novo trabalho. As dificuldades de realização de trabalho, a distância e a escassez de tempo impossibilitaram a continuidade do meu trabalho de comunicação. Porém, o coletivo continuou a se reunir, amadureceu e passou a realizar ações, aprovando editais e projetos, como na Lei Aldir Blanc, com uma aprovação de uma verba de 140 mil reais para ser executada em 2021. Nesse

---

<sup>2</sup> Artigo apresentado no XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, em Caxias do Sul (RS), de 2 a 6 de setembro de 2010.



momento, fui novamente convidado pelo coordenador geral do festival para integrar a coordenação de comunicação do Festival Rio Ouricuri devido a necessidade, segundo o próprio, de profissionalizar os processos de comunicação, tendo à frente um profissional com experiência em comunicação mercadológica para incorporar esse *know-how* ao projeto e a sua etapa de registro e divulgação. Nesse sentido, participei de várias etapas do festival, desde a definição das etapas de comunicação, roteirização de vídeos, produção de textos e direcionamentos criativos como o da cenografia desenvolvida pela multiartista Demy Damasceno. Em seguida, e concomitante a isso, também estava no papel de pesquisador-observador, ora de muito perto, ora com um pretense estranhamento para observar o que este Festival deixava de pista sobre a cultura de uma cidade média da Amazônia. Como qualquer trabalho coletivo, há divergências e até mesmo tensões oriundas de formações diversas, dentre elas, destacam-se o pragmatismo, que é típico do mercado comercial, o que, em alguns momentos, choca-se com primados ideológicos. Exemplo disso foi uma tendência do festival de priorizar uma produção autoral e experimental (que reconheço como muito importante, sou uma das vozes que alerta para a necessidade de realizar um contraponto), mas como conseguir inserir artistas considerados mais comerciais para atrair um alcance maior de público diverso, que terá, então, a partir dessa estratégia, contato com artistas autorais e experimentais?

## 2 INTRODUÇÃO – O OBJETO E A PESQUISA

Volto então ao Festival Rio Ouricuri e as suas possibilidades de identificação e representação desse local de encontro e constituição social. Retirantes? Ribeirinhos? Amazônidas? Paraenses? Urbanos? Trabalhadores? Periféricos? Como se autodenominam os moradores de Capanema participantes dos processos de produção, apresentação e exibição midiática do Festival Rio Ouricuri, em uma cidade de pouco mais de 69 mil habitantes (segundo o IBGE no censo de 2021), localizada no Nordeste paraense e que possui oficialmente pouco mais de 100 anos de história?

Esta dissertação tem o objetivo de, a partir das investigações de determinadas interações e socialidades, compreender quais são os processos de identificação, de reciprocidade e de reconhecimento que essa população aciona para se nomear. O corpus desta pesquisa se debruça sobre entrevistas estruturadas realizadas com membros da organização do festival, de indivíduos que participaram da produção para ser mais específico. A motivação inicial fora desvelar quais traços e se emergiam caracteres de uma identidade periférica, *a priori*, ao meu ver, diversa da periferia urbana das metrópoles. Porém, como será visto no decorrer deste texto, os resultados apontam para outros horizontes de resposta.

A partir da análise de entrevistas em profundidade dos sujeitos que participaram sobre o processo de produção, buscou-se compreender como a experiência comunicacional do estar-junto, expresso por Maffesoli (1996), associada à diversidade musical do festival é capaz de desvelar uma Amazônia urbana do interior do estado do Pará.

Capanema é considerada atualmente uma cidade de porte médio<sup>3</sup> pela quantidade de pessoas, mas também pelos recentes desenvolvimentos aparentes, como a chegada de lojas de departamento, serviços, hospital metropolitano estadual e o próprio comércio local que adquire protagonismo naquela microrregião.

Este trabalho tem como objetivo compreender como o estar-junto propiciado por um festival caracterizado como um espaço de entretenimento, mas também de troca e de socialidades, isto é, formas sociais segundo o conceito de Simmel (2006). Nesse sentido, é possível desvelar as sociabilidades de uma Amazônia localizada no

---

<sup>3</sup> Segundo o IBGE (2021), Capanema possuía em 2021, 69.828 habitantes. Fonte: <https://ibge.gov.br/cidades-e-estados/pa/capanema.html>.

interior, porém, eminentemente urbana a partir desse dispositivo cultural<sup>4</sup>. Constituindo-se objetivo desta pesquisa também colocar em evidência e interpretar quais as sociabilidades emergem nesse processo e como ela é compreendida a partir da tentativa de obter o retrato de uma Amazônia diversa. Como objetivos específicos, foi necessário identificar o contexto social e cultural dos sujeitos e criação do Festival Rio Ouricuri, descrever minimamente suas atrações, observar e retratar a identidade que emerge com a produção do Festival.

A base desse processo de pesquisa busca compreender uma sociabilidade de uma manifestação cultural contemporânea de uma cidade que, via de regra, escapa, ao meu ver, às representações predominantes e recorrentes na mídia televisiva, de rádio e dos portais de internet. Digo isso porque quando se pensa em Amazônia, imediatamente emergem imagens da exuberância da floresta, do cotidiano ribeirinho e, em contraponto, o cenário da região metropolitana que convive com problemas de mobilidade, moradia insuficiente, oferta de serviços de saúde precários, violência etc.

Ora, durante o percurso de mestrado, atravessado por uma pandemia, foi necessário criar categorias e conceitos que atendessem aos objetivos de descrever nossas histórias e nossos atores. Para citar alguns exemplos: “Dalcídio Jurandir e os heróis do Marajó”, de Fábio Castro (2007), que expressa o quanto nossos atores sociais são inviabilizados na medida em que têm suas trajetórias narradas por autores exteriores à nossa realidade; a tese “A Arte na sua cotidianidade uma percepção de arte na Feira do Guamá”, de Marina Ramos Neves de Castro, que desvela como as relações sociais são produzidas a partir de sentimentos partilhados e como esse sentir-junto é capaz de produzir uma estética engendrada na banalidade do cotidiano. Outro exemplo é a dissertação “À sombra da floresta”, de Vânia Costa, que exemplifica materialmente a necessidade de estudar o nosso território ao contextualizar e desvelar atores e configurações sociais que escapam ao senso comum. Nesse sentido, o conceito de decolonialidade encoraja romper, ou pelo menos, oferecer alternativas de uma Amazônia reificada, narrada por atores alheios às nossas especificidades. Por isso, é necessário reconhecer e revelar a existência

---

<sup>4</sup> A partir de um diálogo estabelecido com Foucault e de um contexto histórico mais amplo, Agamben (2014 apud AMORIM; CASTRO; COSTA, 2019, p. 99) propõe uma aproximação conceitual do termo: “denomino como dispositivo tudo aquilo que possui, de uma maneira ou de outra, a capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, condutas, opiniões e discursos dos seres vivos”.

de uma periferia amazônica, urbana e distante das representações majoritárias sobre o nosso território.

Capanemenses, interioranos, retirantes periféricos, trabalhadores, excluídos, marginalizados, alegres, resistentes? Quais são as categorias utilizadas pelos moradores da cidade de Capanema, Pará para se nomear? Ora, os moradores de Capanema carregam diversas referências sociais presentes e herdadas. Baseado em conversas com os moradores, descobri que muitos são imigrantes do Nordeste do Pará e chegaram à localidade em função da necessidade de moradia e terrenos mais baratos. Reconhecer os caracteres utilizados por esses moradores em um primeiro momento de socialização do Festival e, posteriormente, após a produção de narrativas exibidas (vídeos, posts em redes sociais, fotos em redes sociais) é o que interessa neste projeto.

A partir das reflexões recolhidas em entrevistas, pretendo questionar de que maneira a perspectiva decolonial ajuda a perceber como os discursos e as representações (e autorrepresentações) desses atores são construídas, o quanto (e se) estão impregnadas do colonialismo ao qual ao Brasil e essa região foram submetidas. Nesse sentido, apreender Capanema como uma cidade de porte médio da Amazônia auxiliou bastante esta pesquisa.

### 3 A PAISAGEM DE CAPANEMA E O FESTIVAL RIO OURICURI

Ao abordar Capanema, o Festival Rio Ouricuri e suas expressões identitárias faz-se necessário recorrer ao conceito de paisagem. A visão aqui é que, antes de descrever a formação da cidade, seus símbolos e a construção histórica do Festival, é interessante descrever sua paisagem<sup>5</sup>, que está ligada à estética da cidade, pois ela revela estar ligada aos laços sociais, culturais e hábitos da cidade. Capanema é uma cidade relativamente jovem. Possui pouco mais de um século, face aos mais de 400 anos de sua vizinha Bragança, e possui uma formação histórica diversa da maioria das cidades mais tradicionais da Amazônia.

Enquanto as mais antigas nasceram às margens dos rios, Capanema surge à margem da Estrada de Ferro Belém-Bragança (EFB), impulsionada pela criação da linha de telégrafo e mais recentemente pela criação de uma fábrica de cimento, destinada a utilizar a farta matéria-prima de calcário, minério utilizado na fabricação de cimento. Essa diferença talvez seja um dos principais traços que a distinguem das imagens (cidade ribeirinha e cotidiano de floresta versus capital) ao qual me referi há pouco no texto. Capanema, assim como outras cidades modernas, já nasce com esse cotidiano de urbanidade em que o trabalho ocupa um lugar central. Soma-se a essa paisagem uma cultura extremamente voltada para o trabalho.

Esse traço, penso, é derivado da memória de escassez de muitos de seus moradores que chegaram à cidade fugindo da seca do Nordeste ou da escassez de terras para plantio. O funcionamento dessa cidade guardará muitas semelhanças com o funcionamento de cidades do Nordeste. E a vida cultural vai expressar isso. Marcado por uma forte religiosidade, que pode ser assinalada pelo respeito por muitas casas de festas ao período da Quaresma ou pela vigorosa expressão do Catolicismo expresso durante o Corpus Christi.

Nesse sentido, o Festival Rio Ouricuri surge como uma expressão desses fluxos e contrafluxos culturais, ao mesmo tempo que acolhe ritmos sertanejos, dá espaço para outras expressões, como rap, rock e músicas que estão mais conectadas a uma motivação de cunho crítico e social e realizam esforços de atualização de se equiparar aos movimentos da capital e cidades de grande porte, com os temas da inovação, processo de revalorização de trabalhos manuais e ressignificação da

---

<sup>5</sup> Concorde com Balée (2008), que enuncia que a paisagem é um construto cultural, seja ela uma construção física alterada pelo homem ou alterada por ele pelo simples ato de olhar, já que apreendê-la já transforma natureza em cultura.

autoestima de pessoas que moram no interior. Serão esses traços, a cultura urbana de médio porte, o lugar proeminente do trabalho no cotidiano, a diversidade cultural e musical alguns dos norteadores para delimitar os traços identitários dessa localidade.

### 3.1 CAPANEMA: IDENTIDADE URBANA E AMAZÔNICA?

“Foste chamada Siqueira Campos  
 Há alguns anos atrás  
 Cidade com habitantes  
 que têm coragem até demais  
 Vigor e energia, inteligência eficaz  
 Povo sadio e altaneiro.  
 É tradição de brasileiro

A tua mata verde cinzenta  
 E o teu povo a educar  
 A cultura aqui se expande  
 Analfabeto em ti não há

Na ligação Norte-Nordeste  
 Tomaste primeiro lugar  
 Mostraste ao viajante  
 Grande riqueza que em ti há  
 Guardaste teu solo fértil  
 Pra dar ao povo varonil  
 Construção de edifício  
 Isto é cimento do Brasil

Capanema está vibrando  
 Se destacando no Pará

Os jovens e os adultos  
Sempre unidos a trabalhar.”<sup>6</sup>

Os símbolos de um lugar dizem muito sobre o seu povo. Por esse motivo, escolhi começar este capítulo com o hino da cidade que itemiza e contextualiza brevemente a formação social, econômica e, especialmente, a cultural de Capanema. Faço isto para delinear alguns traços culturais das identificações que constituem o objeto: um festival nomeado pelo rio que atravessa a cidade.

O surgimento de Capanema ocorreu motivado pela necessidade de integração da capital à região bragantina, produtora de insumos para a capital. Conforme alerta Lima (2015), a dificuldade e o dispêndio de tempo e recursos financeiros do transporte de cargas e de pessoas de Belém com a região bragantina por via marítima era uma das preocupações das autoridades que buscavam uma via mais econômica de acesso à região. Segundo ele:

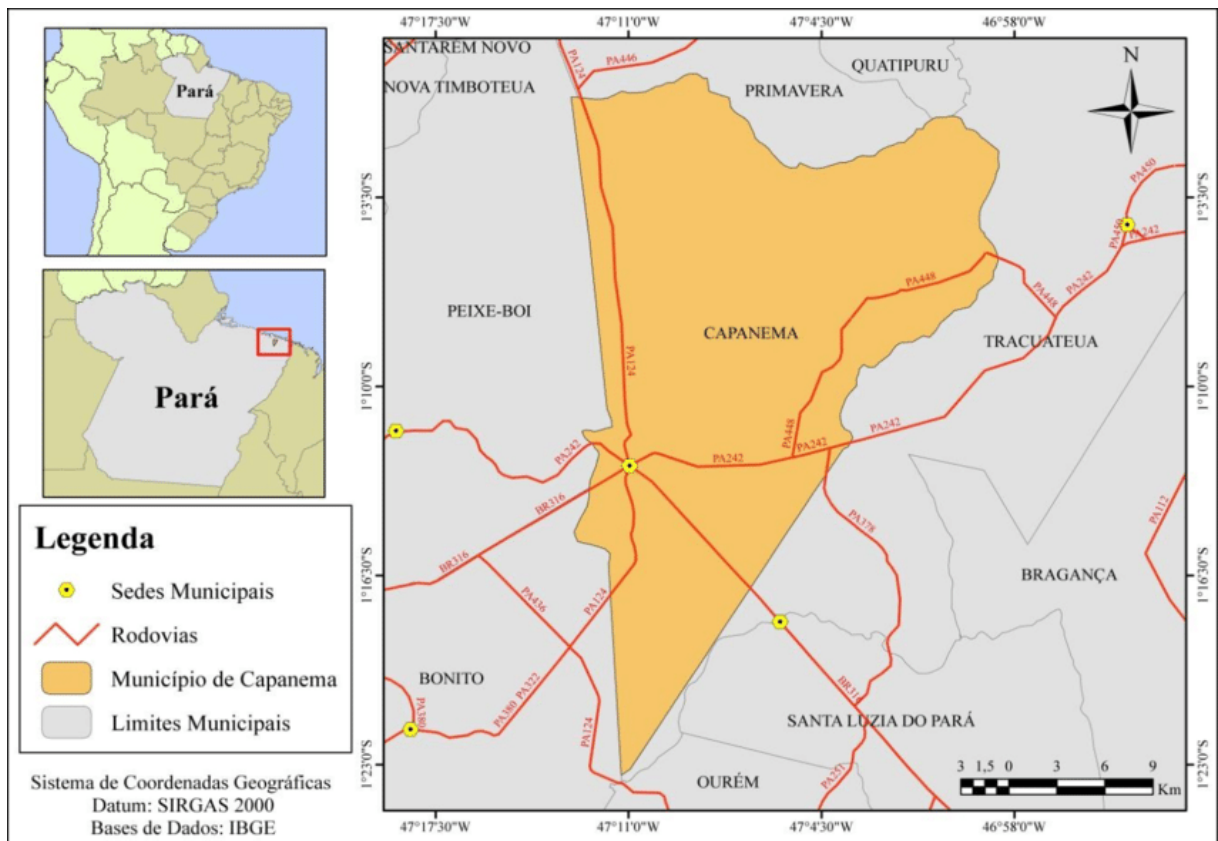
Apesar do interesse demonstrado (em construir uma ligação terrestre entre Belém e Bragança) por Andréia (Marechal Soares Andréia, presidente da província do Grão Pará em 1838) no final da Regência, foi apenas no ano de 1846 que o “Comandante Militar da Comarca de Bragança, Capitão Francisco Ribeiro da Silva, (...) levou a efeito a abertura de uma estrada, que partindo da Vila de Bragança vai dar ao Tentugal. Esse caminho, que contava com uma casa para descanso dos viandantes possibilitava a ligação com o Rio Guamá e, conseqüentemente, com Belém, em um número menor de dias, facilitando o processo de deslocamento e ocupação da área. Assim, com o passar das décadas, esse caminho para Bragança acabou contribuindo indiretamente para o surgimento de “alguns incipientes nódulos de povoamento que lograram a esboçar-se com o correr do tempo: Castanhal, Igarapé-Açu, Timboteua e Capanema. (LIMA, 2015, p. 27).

Além da facilidade de acesso e transporte, outros interesses estavam no radar das autoridades, extremamente dependente, naquela época, da economia da borracha. Segundo Lima (2015, p. 28): “Um dos mais urgentes [anseios de integração] constituía-se no imperativo de diversificação da economia rural realizado durante a expansão da borracha”.

---

<sup>6</sup> Hino de Capanema, autoria da professora Rosalina Marques da Silva Favacho.

Mapa 1 – Capanema conforme IBGE (2000)



Fonte: IBGE (2000) baseado em Sirgas (2000)

Ao ler esse texto histórico e as duas últimas estrofes do hino de Capanema identifiquei diversos símbolos culturais bastante evidentes ao olhar mais atento. Primeiramente, a proeminência da função de cidade que conecta<sup>7</sup> as outras cidades do Nordeste paraense, uma herança consolidada na época da EFB, mas que iniciara bem antes. Por outro lado, a presença de agricultores, a dominância dos homens nos rumos da vida da cidade e a relação incestuosa entre o poder público e o privado<sup>8</sup> está expressa nos versos seguintes de maneira respectiva: da última estrofe, o que mais se destaca é “sempre unidos a trabalhar”, que expressa a relação intensa dos moradores, especialmente aqueles que pertencem a gerações que chegaram no local para trabalhar. Retratar minimamente esses caracteres sociais torna-se fundamental para contextualizar o modo de vida dos moradores que difere, por exemplo, de cidades vizinhas, como Bragança e São João de Pirabas. Nele, a predominância do natural como o meio de acesso aos recursos necessários à vida é bem mais pronunciado. É

<sup>7</sup> Capanema é conhecida na região bragantina como uma cidade-polo.

<sup>8</sup> “Isto é cimento do Brasil” faz referência à Cibrasa, uma empresa privada produtora de cimentos.



do rio que se “descobre” a cidade, que vem o peixe, o meio de transporte, os locais de lazer. Não que Capanema não possua esses caracteres, mas a urbanidade, e aqui uma urbanidade de cidade média, apresenta sua face com algumas diferenças, embora tenha semelhanças, é claro.

A própria produção musical do Festival Rio Ouricuri com integrantes do sertanejo, do rock, do rap que se apresentaram na 3ª edição exemplifica isso: a adesão de ritmos que, via de regra, possuem mais adesão no meio urbano. Por outro lado, Lima (2015, p. 32) adverte que “apesar de ter sido palco” nos últimos séculos de diversos fluxos migratórios, em nenhum período de sua história anterior ou posterior, a Amazônia recebeu tantos “novos moradores” como no contexto de 1870 a 1910. Provenientes das mais diversas áreas do Nordeste brasileiro: maranhenses, pernambucanos, paraibanos, alagoanos e, principalmente, cearenses partiram em direção aos estados pouco povoados do Norte em busca de realizar sonhos de felicidade e riqueza.

Embora no decorrer do livro, o autor apresente a presença de moradores inclusive de outros países, a predominância nordestina na cidade é bastante evidente e se expressa em um sotaque peculiar que se distancia do sotaque do típico belenense. Essa formação com predominância de nordestinos que fogem da seca em busca de trabalho talvez evidencie o apego ao trabalho, às casas grandes.

Para que o trabalho não se estenda demais sobre a história do município, dado que o interesse aqui é abordar a identidade ou identificação dos moradores participantes do Festival, recorro a um texto publicado por Lima (2021)<sup>9</sup> que contém uma síntese objetiva e bastante rica dos elementos formadores das identificações dos sujeitos dessa cidade.

O interessante nesse texto é que o autor defende que não há uma história, mas histórias de Capanema, divididas em sete momentos:

Parte I: o topônimo;

Parte II: a Estrada de Ferro;

Parte III: Quatipuru ou Miraselvas;

Parte IV: Siqueira Campos;

---

<sup>9</sup> Disponível em <https://www.facebook.com/lucianodemetrius.barbosalima/posts/4443071025779840>.

Parte V: décadas de 40 e 50;

Parte VI: na ditadura militar;

Parte VII: virada do século XX. (LIMA, 2021, p. 34).

Parafrazeio aqui o autor ao citar as características de cada uma dessas fases, por causa da importância dessa contextualização para oferecer um panorama, mesmo que limitado, do território no qual o Festival Rio Ouricuri acontece. Parafrazeando-o apresento, sob minha ótica, os principais destaques dessa história, respectivamente:

I – O marco temporal está localizado entre 1884 e 1885 quando o território de Capanema ainda era área de floresta constituindo um vale. Foi nessa época que uma equipe de engenheiros e trabalhadores braçais realizaram o trabalho de abrir “caminho na mata” para a fixação de postes que iriam compor a linha telegráfica, ligando o Pará ao Maranhão. É dessa época a suposta presença do Barão de Capanema, que resolveu acampar nas margens de um dos cursos d’água, quando os trabalhadores o homenageiam dando o nome de Capanema ao rio. O historiador ressalta que, apesar da origem tupi, nada tem a ver com a presença fixa de alguma aldeia nessas terras (LIMA, 2021);

II – A passagem dos trilhos só ocorre em 1907, 21 anos depois da presença da equipe responsável pela instalação da rede telegráfica. Nesse período chega um grande contingente de nordestinos fugindo da seca. É um período de desmatamento de florestas em nome da agricultura e do discurso do progresso;

III – Vila de Capanema fica dominada pelo domínio do coronel Leandro Pinheiro, ora pelo coronel Cezar Pinheiro, oriundos de Quatipuru e Mirasselas, respectivamente. Com a ascensão do potiguar João Eustachilino Pessoa ao poder, ele transforma Capanema, então distrito, em sede municipal;

IV – Siqueira Campos, período marcado pela nomeação de Magalhães Barata por Getúlio Vargas. Com Barata, Capanema é emancipada, tem seu primeiro prefeito e passa por diversas obras, como o primeiro Mercado Municipal, a Casa de Luz e Força, o Matadouro Municipal, o Cemitério São José, dentre outras;

V – Período compreendido entre as décadas de 1940 e 1950, caracterizado por um surto econômico e populacional, expansão do comércio, expansão da consolidação de polo econômico de prosperidade, fortalecimento da produção

agrícola. Foi nesse período, compreendido entre os anos 1960 e 1980, que Capanema teve perdas importantes, como a desativação da Estrada de Ferro Belém-Bragança e limitações demográficas. Foi nesse período que foi criada a simbologia municipal, seu hino, brasão e a fábrica de cimentos Cibrasa.

A parte VII é reportada pelo historiador no último quarto do século XX. Segundo ele, nesse período, a abertura da rodovia Belém-Brasília beneficiaria muitas outras cidades vizinhas além de Capanema. É nesse período que a cidade perde importantes edificações históricas, como a Assembleia Recreativa e a sede antiga da Prefeitura.

Realizei essa breve contextualização da cidade para defender a existência de uma Amazônia urbana e amazônica, ou seja, que em Capanema existe um cotidiano específico em que há influências de uma pressão expressa pela produtividade, pelas pressões próprias do capitalismo, mas que não deixa de ser amazônica e ter a natureza como um importante elemento de identificação cultural e também de produção material. A existência de um rio no meio da cidade (Rio Ouricuri) contaminado e um festival que leva seu nome e busca por preservação ambiental e cultural são alguns dos contrastes que marcam a cidade que convive com a chegada de empreendimentos de outros estados e da capital na última década (Supermercados Mateus, Supermercados Líder, Lojas Americanas) que impõem uma lógica nova à cidade com hábitos de cidade pequena, como o fechamento de tradicionais lojas e empreendimentos durante o horário de almoço no centro comercial. Após essa contextualização mínima ao leitor, consigo descrever as edições do Festival Rio Ouricuri e analisar, em seguida, a terceira edição a partir de produtores independentes e parceiros que auxiliaram em sua produção.

### 3.2 CULTURA EM MOVIMENTO – FORMAÇÃO TÉCNICA EM PRODUÇÃO CULTURAL, O EMBRIÃO DO FESTIVAL RIO OURICURI

A origem do Festival é o Cultura em Movimento, um projeto criado pela ASCAP, pelo Movimento Cultural de Capanema (MCC) e pelo movimento estudantil de Capanema destinado a circular entre o município e cidades adjacentes a fim de promover formação técnica por meio de oficinas nas áreas de produção cultural, comunicação cultural, além de favorecer a profissionalização e o desenvolvimento da economia criativa de Capanema e região. As premissas do projeto são “ocupar criativamente e culturalmente espaços públicos com manifestações culturais tradicionais e contemporâneas (cultura popular, rock, movimento hip hop)” (CULTURA

EM MOVIMENTO, 2021, p. 1). O projeto surge com o intuito de fomentar e fortalecer a cena autoral da região. Porém, o envolvimento com outros segmentos culturais fez com que o escopo fosse deslocado para um formato de artes integradas.

A iniciativa já realizou eventos em praças, universidades e periferia com música, dança, sarau, batalhas de Mc's, festivais e feira agroecológica além de oficinas, minicursos e rodas de conversas. De 2017 a 2019 ocorreram 6 edições em formato circuito itinerante, 5 em convênio com a Prefeitura de Capanema. Em 2019, o projeto conquistou o Prêmio Descentrarte da FUNARTE, além de um parecer da Procuradoria do município favorável a um novo convênio, mas devido a pandemia apenas 1 das 3 etapas pôde ser realizada. Na 1ª etapa ocorreu a 1ª Capacitação em Arte e Cultura com oficinas de elaboração de projetos culturais e comunicação cultural, ambas com 16 horas, alcançando 60 agentes culturais de 10 municípios. (CULTURA EM MOVIMENTO, 2021, p.1).

Essa relação citada com a Prefeitura é marcada por avanços e tensões. Cientes do poder de mobilização que os artistas e produtores culturais possuem, ora o poder público, representado pela Prefeitura, permite avanços na medida em que patrocina e viabiliza ações culturais. Por outro lado, há também um movimento de resistência da Prefeitura em viabilizar a ocupação efetiva desses espaços de poder para a sociedade civil. Isso se reflete, por exemplo, na morosidade do processo de implantação do Sistema Municipal de Cultura (SMC), que permitiria uma gestão dos recursos da cultura de maneira mais participativa e autônoma por meio da sociedade civil. Na prática, esse sistema não avançou muito além das discussões com implantação de leis e de outros dispositivos práticos. É necessário também assinalar que à medida que o Festival cresce, os políticos começam a perceber o potencial que o movimento possui. Vejo de maneira mais evidente na capital esse movimento em que emendas parlamentares são destinadas a artistas para realizações de shows, apresentações, obras audiovisuais, videoclipes etc. Um exemplo prático disso é a realização do Cultura em Movimento realizada por meio de emenda parlamentar do deputado estadual Dircen Ten Caten com realização do Instituto Arco Verde e da produtora Passarinho Urbano, a mesma realizadora do Festival Rio Ouricuri.

Em 2021, o Cultura em Movimento foi contemplado pelo edital de Fomento à Cultura de Capanema de Capanema (Lei Aldir Blanc) – culminando com a II Capacitação em Arte e Cultura. Em função da pandemia e suas necessárias medidas de distanciamento, essa capacitação foi realizada em formato on-line (redes Instagram, Facebook e Youtube). Essa capacitação foi constituída de uma série de atividades: cinco vídeos intitulados de Status Cultural, em que foram entrevistados

agentes culturais nas áreas de música, dança, cultura negra, produção cultural e audiovisual do município; uma transmissão ao vivo, em formato *live*, com o tema “Perspectivas para implementação de políticas culturais”, com a Secretaria Municipal de Cultura de Capanema (SECULT), o lançamento de podcast e de duas oficinas virtuais de elaboração de projetos culturais e comunicação para projetos culturais.

Embora, como se verá adiante, o Cultura em Movimento possua pontos de afinidade com o Festival Rio Ouricuri é importante destacar que o primeiro está voltado sobretudo para a formação técnica e envolvimento/mobilização comunitária de fazedores e trabalhadores da cultura. Já o segundo, destina-se, especialmente em sua última edição, a ser uma plataforma de lançamento de novos artistas, empreendedores criativos locais e iniciativas e discussões de sustentabilidade. O Cultura em Movimento possui uma orientação política de estimular o avanço de políticas públicas, inclusive na discussão da possibilidade de uma criação de um Fórum Municipal de Cultura para que os próprios agentes culturais possam mais autonomia na gestão de recurso dessa área. O Festival Rio Ouricuri surge, então, como um produto do Cultura em Movimento, porém, ao adquirir proeminência, ele ganhará independência.

Figura 2 – Cartaz da primeira edição do Festival Rio Ouricuri



Foto: Festival Rio Ouricuri (2018)

### 3.2.1 1ª edição do Festival Rio Ouricuri

A primeira edição do Festival Rio Ouricuri aconteceu no ano de 2017 nos dias 15, 19, 20 e 21 de outubro em Capanema. Originado a partir da liderança do produtor cultural Geovane Maximo e com apoio de entidades, como o MCC e o Movimento Unificado de Estudantes (MEU), o Festival surge com a proposta de incentivo à produção musical e cultural do município e região e “promover um amplo debate sobre a importância de estimular hábitos e práticas sustentáveis da intervenção do homem no planeta” (RIO OURICURI, 2017)<sup>10</sup>. É importante destacar que havia outros segmentos culturais e produtores culturais anteriores, como o grupo “Os Timbiras” e outros que pavimentaram a maturidade da produção cultural do que originou o Festival Rio Ouricuri. O Festival que tem como tema arte, música e sustentabilidade propõe formar e promover artistas, músicos e empreendedores sustentáveis principalmente da região Nordeste do Pará.

Nos dias 15, 19, 20 e 21 de outubro de 2017, apresentações musicais, exposição de artes, varal literário, lançamento de livro, ações de educação ambiental, oficina de compostagem e rodas de conversa sobre ecologia e produção cultural constituíram a primeira edição do Festival e aconteceram em diversos espaços da cidade.

---

<sup>10</sup> [www.festivalriouricuri.com.br](http://www.festivalriouricuri.com.br).

Figura 3 – Programação completa da 1ª edição

**Festival RIO OURICURI**  
Missão Arte e Sustentabilidade

**PROGRAMAÇÃO COMPLETA**  
DIAS 15, 19, 20 E 21 DE OUTUBRO  
CAPANEMA - PA

**Dia 15**  
17h00 - Praça 03 de Maio  
Apresentações Musicais:  
Dick Casanova (Capanema)  
Octoplugs (Peixe-Boi)  
FM Rádio (Capanema)  
Apresentações de Dança:  
Los Primos  
CDMW

**Dia 19**  
Palestra sobre educação e preservação ambiental com a Secretaria Municipal de Meio Ambiente - SEMMA  
08h00 - Auditório UFPA  
Roda de conversa sobre Ecologia  
10h00 - Auditório UFPA  
Oficina de compostagem - Parte I  
14h00 - UFPA  
Lançamento do livro *Anticorpo* do escritor capanemense Anselmo Gomes com música ao vivo  
20h00 - HACHI CULT

**Dia 20**  
Plantio de mudas de árvores nas nascentes e afluentes do Rio Ouricuri  
08h00 - Saida da SEMMA com destino ao Rio Ouricuri  
Oficina de Compostagem - Parte II  
14h00 - UFPA

**Dia 21**  
Roda de conversa sobre Produção Cultural  
15h00 - Auditório UFPA

**Line-UP - I noite**  
19h00 - PRAÇA MAGALHÃES BARATA  
Originais de Peixe-Boi (Peixe-Boi)  
Carimbó Ouricuri (Capanema)  
Estação Carimbó (Capanema)  
Se Não Fosse Capitu (Capanema)  
Irmãos do Condado (Nova Timboteua)  
Endereço Flutuante (Primavera)

**Line-UP - II noite**  
19h00 - PRAÇA MAGALHÃES BARATA  
K-Languz (São João de Pirabas)  
Televoltz (Capanema)  
Imagem Distorcida (Capitão Poço)  
Simetria Oposta (Capanema)  
Relesvulgar (Belém)  
Murtrent (Capanema)

MAIS INFORMAÇÕES | CONSTRUÇÃO COLETIVA

REALIZADO POR: ASCAP, MCC, SEMMA, SECTUR, UFPA, CAPANEMA, minuta

Foto: Festival Rio Ouricuri (2018)

No dia 15 de outubro de 2017, na praça 3 de maio, em Capanema, houve a primeira edição do Festival Rio Ouricuri, a programação foi composta pelas apresentações musicais do cantor Dick Casanova e FM Rádio (Capanema), banda Octoplugs (da cidade de Peixe-Boi) e apresentações de dança de Los Primos e CDMW.

No dia 19, às 20 horas, foi realizada no auditório da Universidade Federal do Pará (UFPA), uma palestra sobre preservação ambiental com a Secretaria Municipal de Meio Ambiente de Capanema (SEMMA). Em seguida, às 10h, foi realizada uma roda de conversa sobre Ecologia. Além das discussões teóricas, o Festival promoveu atividades e conhecimentos práticos. Às 14h daquele mesmo dia foi realizada a Oficina de Compostagem, parte 1, nas dependências da UFPA. O interessante no festival era a promoção de artistas e produções locais, por isso, às 20h, na cafeteria Hacchi, um ponto de encontro da juventude com ideias progressistas foi realizado o lançamento do livro “Anticorpos”, do artista capanemense Anselmo Gomes, com música ao vivo e exposição fotográfica de Breno Barros.

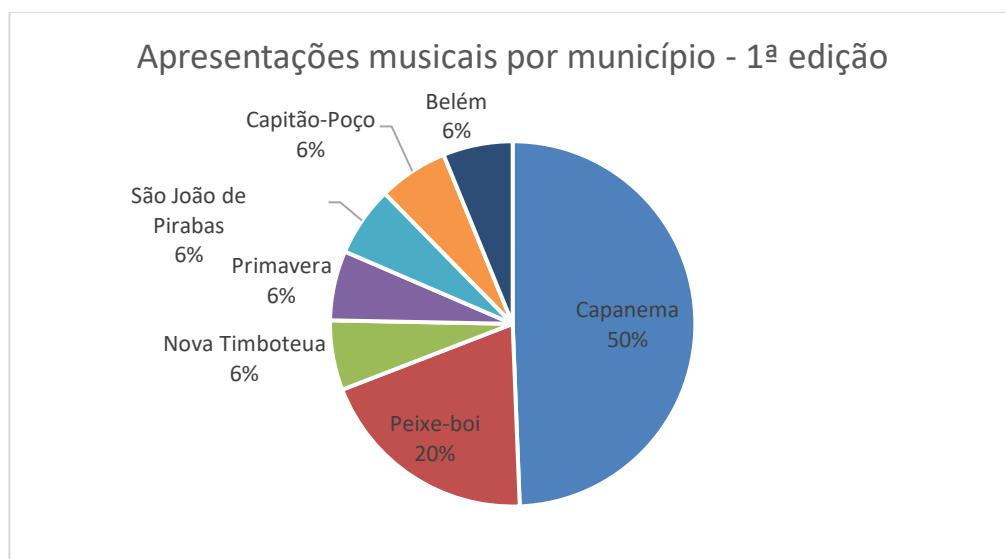
No dia 20 de outubro, sábado, foi realizado o plantio de mudas de árvores nas nascentes e afluentes do rio Ouricuri, tendo como ponto de partida a Semma e como destino o rio Ouricuri, na altura do centro da cidade.

Pela tarde, a partir das 14h, no campus da UFPA foi realizada a 2ª etapa da Oficina de Compostagem. Mais tarde, na praça Magalhães Barata aconteceram as apresentações musicais de Originais de Peixe-Boi, (Peixe-Boi), Carimbó Ouricuri (Capanema), Estação Carimbó (Capanema), Se não fosse tu, Capitu (Capanema), Irmãos do Condado (Nova Timboteua) e Endereço Flutuante (Primavera).

O último dia de programação da primeira edição do Festival teve a roda de conversa sobre produção cultural no auditório da UFPA. Na praça Magalhães Barata, logo mais aconteceria a última noite de apresentações musicais com K-Languz (São João de Pirabas), Televoltz (Capanema), Imagem Distorcida (Capitão-Poço), Simetria Oposta (Capanema), Reles Vulgar (Belém) e Murtrent.

Em termos de produção cultural é evidente a proeminência da produção cultural local da cidade e cidades vizinhas revelando uma produção autoral que escapa ao circuito comercial predominante. Como se percebe no gráfico abaixo, existe uma vocação criativa autoral nos interiores e que tem a ver com essa necessidade de compartilhar suas singulares narrativas. Do total de apresentações, 50% eram de Capanema. Vale ressaltar que era uma premissa para seleção de artistas, apresentações musicais e empreendimentos criativos: priorizar artistas de Capanema e cidades adjacentes.

Gráfico 1 – Apresentações musicais por município





Por outro, lado, a presença do caráter ambiental foi uma das tônicas que se reproduziram nas próximas edições do festival. No próprio nome do Festival está nomeado o rio que corta a cidade de Capanema e hoje padece com a poluição urbana.

O que outrora era um rio de água límpida e saudável, fonte de vida e entretenimento dos capanemenses, hoje é apenas um caminho onde águas que correm das nascentes que ainda resistem nas do município se encontram com o esgoto e outros tipos de poluição consequentes da relação estabelecida entre o homem e o meio ambiente. Essa é a atual condição do Rio Ouricuri, que segundo moradores era ponto de encontro de amigos e famílias, um rio que ao serpentear a cidade formava diversos balneários, mas que infelizmente foi se perdendo com o crescimento urbano, e, principalmente, pela ausência de ações de educação e preservação ambiental. (OURICURI, 2017, s.p.).

Nota-se nesse trecho que para além da preocupação ambiental existe uma preocupação e um saudosismo expresso dos organizadores do festival ao citar um tempo em que o rio era ponto de encontro e entretenimento de famílias. Questiono: seria esse movimento cultural promovido pelo Festival uma tentativa de reconexão das socialidades muito embotadas pela inserção de uma lógica urbana em uma cidade que vivenciou em 100 anos a passagem de uma vila para uma cidade de médio porte? É nesse sentido que reitero que o festival é uma expressão dessa necessidade de encontro, de compartilhamento, afetividades que em muito fora perdido pela aceleração de um cotidiano com mais pressa, menos tempo para vizinhos, conversas na calçada e outras reuniões destinadas por motivos exteriores ao consumo.

Em sua primeira edição, o projeto teve, segundo relatório, 14 apresentações musicais, três apresentações de dança, uma exposição fotográfica, um lançamento de livro, uma palestra, duas rodas de conversa, uma ação ecológica, uma oficina, 51 artistas envolvidos, dez pessoas envolvidas na produção e público de 500 pessoas.

### 3.2.2 2ª edição do Festival Rio Ouricuri

Figura 4 – Programação relativa ao tema sustentabilidade da 2ª edição do Festival

5ª EDIÇÃO DO PROJETO CULTURA EM MOVIMENTO APRESENTA:

**Festival RIO OURICURI 2018**  
Música, Arte e Sustentabilidade

DE 11 A 15 DE DEZEMBRO  
**PROGRAMAÇÃO**

**DIA 11 / TERÇA**  
17h00 às 22h00  
**FESTIVAL INTERNACIONAL DE CINEMA DO CAETÉ**  
Auditório da UFPA (Campus I)  
Av. Barão de Capanema

**DIA 12 / QUARTA**  
7h00 às 18h00  
**MINICURSO DE AGROECOLOGIA: Introdução à Agricultura Sintrópica (Da roça à floresta)** Sede da AMPRAF: Ramal do Ucuuba – Zona Rural de Capanema - 40 VAGAS

**DIA 13 / QUINTA**  
Auditório da UFPA (Campus I)  
Av. Barão de Capanema

8h00 às 09h30  
Palestra: Ecologia e Qualidade de vida

9h45 às 10h30  
Palestra: Criação do Parque Ambiental de Capanema - SEMMA

10h30 às 12h00  
Roda de conversa: Sustentabilidade, Ações Coletivas e Políticas Públicas na Amazônia

14h00 às 18h00  
Minicurso de Agroecologia: Introdução à Agricultura Sintrópica (Da horta à floresta) 20 VAGAS  
Local: Quintal Agroecológico: R. Leandro Pinheiro nº 499 - Areia Branca

**DIA 14 / SEXTA**  
Auditório da UFPA (Campus I)  
Av. Barão de Capanema

8h00 às 09h30  
Palestra: Posse responsável de animais

9h45 às 12h00  
Roda de conversa: Eco Feminismo

14h00 às 18h00  
Minicurso: Introdução à Produção Audiovisual - 20 VAGAS

19h00 às 22h00  
Roda de conversa: Produção cultural e Políticas culturais - Relato das experiências do Projeto Cultura Em Movimento

**DIA 15 / SÁBADO**  
Praça Moura Carvalho

7h00 às 8h00  
YOGA em praça pública  
20 VAGAS

8h00 às 8h30  
Palestra: Qualidade de vida segundo Ayurveda

8h30 às 9h30  
Roda de conversa: Hábitos e as interferências na saúde

7h30 às 12h00  
**FEIRA AGROECOLÓGICA:** Produtos da agricultura familiar local e apresentação musical com o grupo Carimbó Ouricuri

INSCRIÇÕES PARA AS ATIVIDADES COM LIMITE DE VAGAS | 982105107 | contatoascap@gmail.com | Associação Cultural de Capanema ASCAP



Foto: Festival Rio Ouricuri (2018)

A segunda edição do Festival foi realizada em 2018 entre os dias 11 e 15 de dezembro de 2018. Essa edição contou com as atividades de minicurso de Agroecologia Sintrópica (Da roça à floresta), minicurso de Agroecologia II (Da horta à floresta), minicurso de Introdução à produção audiovisual, exibição de filmes (Festival Internacional de Cinema do Caeté), Feira Agroecológica, yoga e roda de conversa na praça Moura Carvalho e apresentações musicais na praça 3 de maio.

Figura 5 – Grupo de carimbó durante apresentação na Feira de Agricultura Familiar na praça Moura



Foto: Festival Rio Ouricuri (2018)

O público total estimado de todas as atividades da segunda edição foi de 500 pessoas.

O festival é uma realização da Associação Cultural de Capanema (ASCAP) e Grupo de Estudos Ecológicos de Capanema (GEECAP), em parceria com Movimento Cultural de Capanema (MCC), Movimento Estudantil Unificado (MEU), Patuá Artes e Terapia Integradas, Associação Municipal dos Produtores/as Rurais da Agricultura Familiar de Capanema (AMPRAFC), Festival Internacional de Cinema do Caeté, contando com o apoio da UFPA Capanema, FETAGRI Regional Bragantina, Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Capanema, Movimento de Mulheres Olga Benario, Morada Cabana, SEBRAE Capanema, CRAS São Pedro e São Paulo, Secretaria Municipal de Meio Ambiente (SEMMA) e convênio com a Prefeitura Municipal de Capanema.<sup>11</sup>

No trecho acima percebe-se que na segunda edição, embora já com a coordenação de Geovane Maximo, o festival teve como realizador principal a Associação Cultural de Capanema (ASCAP). Na última edição, fora a empresa Passarinho Urbano que assinou como realizadora do evento, o que denota os desafios da produção cultural coletiva empreendida por associações. No cartaz acima observa-

<sup>11</sup> <https://ufpacampuscapanema.blogspot.com/2018/12/festival-rio-ouricuri-2018-2-edicao.html>.

se ainda que naquele momento, o Festival era uma parte integrante do projeto Cultura em Movimento. Embora ainda haja relação entre os dois ambos possuem atualmente relativa autonomia, como já explicado acima.

### 3.2.3 Programação Sustentabilidade

O Festival teve início no dia 11 de dezembro de 2018 com a realização do Festival Internacional de Cinema do Caeté no auditório da Universidade Federal do Pará de Capanema, de 17 às 22h.

No dia seguinte, 12, de 7h às 18h, a programação foi deslocada para a zona rural com o minicurso “Agroecologia: introdução à agricultura sintrópica, da roça à floresta”, na sede da AMPRAFC – Associação Municipal dos Produtores Rurais na Agricultura Familiar de Capanema. Percebi nessa atividade uma ação concreta no sentido de compartilhar conhecimentos com agricultores para as possibilidades de produção de renda e manutenção dos ecossistemas, isto é, a sustentabilidade posta em prática na programação do Festival. Essa atividade teve a oferta de 40 vagas.

Figura 6 – Curso de Agricultura Sintrópica



Foto: Festival Rio Ouricuri (2018)

No dia 13, duas palestras pela manhã aconteceram no auditório da UFPA: “Ecologia e qualidade de vida” e “Criação do parque ambiental de Capanema”, ministradas pela Secretaria Municipal de Meio Ambiente. Entre 10h30 e 12h foi realizada a roda de conversa “Sustentabilidade, ações coletivas e políticas públicas

na Amazônia. Entre 14h e 18h, na rua Leandro Pinheiro, 499, na zona urbana da cidade, ocorreu o minicurso “Agroecologia Sintrópica”.

No dia 14, no auditório da UFPA aconteceu, de 8h às 9h30, palestra para responsáveis de animais; de 9h45 às 12h aconteceu uma roda de conversa sobre ecofeminismo e o minicurso “Introdução à Produção Audiovisual”; entre 19h e 22h aconteceu a roda de conversa “Produção cultural e políticas culturais”, um relato das experiências do projeto Cultura em Movimento.

Figura 7 – Conversa sobre Ayurveda e Yoga



Foto: Festival Rio Ouricuri (2018)

No sábado, dia 15 de dezembro, na praça Moura Carvalho, foram realizadas quatro atividades: yoga em praça pública, de 7h às 8h, uma palestra “Qualidade de vida segundo o Ayurveda” no horário de 8h30 às 9h30, uma roda de conversa sobre hábitos e as interferências na saúde. No período de 7h30 às 12h aconteceu a “Feira Agroecológica: produtos da agricultura familiar local” e apresentação musical com o grupo de carimbó Ouricuri.

Figura 8 – Cartaz de programação na praça Moura Carvalho

5ª EDIÇÃO DO PROJETO CULTURA EM MOVIMENTO APRESENTA:

# FEIRA

## AGROECOLOGIA

**15 DEZ - SÁBADO  
DAS 7h00 ÀS 12h00  
PRAÇA MOURA CARVALHO**

**Festival RIO OURICURI 2018**  
Missão, Arte e Sustentabilidade

**YOGA + Palestra: Qualidade de vida segundo a Ayurveda + Roda de conversa**  
Apresentação musical com o **GRUPO DE CARIMBÓ OURICURI**

**VENDA DE PRODUTOS DA AGRICULTURA FAMILIAR LOCAL**

| HORTALIÇAS E LEGUMES | FRUTAS   | OUTROS PRODUTOS     |
|----------------------|----------|---------------------|
| Alface               | Banana   | Farinha de Mandioca |
| Couve                | Maracujá | Farinha de Tapioca  |
| Cebolinha            | Abacate  | Bolo de Macaxeira   |
| Jambu                | Limão    | Bolo de Milho       |
| Cariru               | Açaí     | Molho de Pimenta    |
| Pimentinha           |          | Remédios Caseiros   |
| Pepino               |          | Polpas de Frutas    |
| Macaxeira            |          |                     |
| Batata-Doce          |          |                     |
| Abóbora              |          |                     |

Foto: Festival Rio Ouricuri (2018)

Figura 9 – Feira de produtos da agricultura familiar

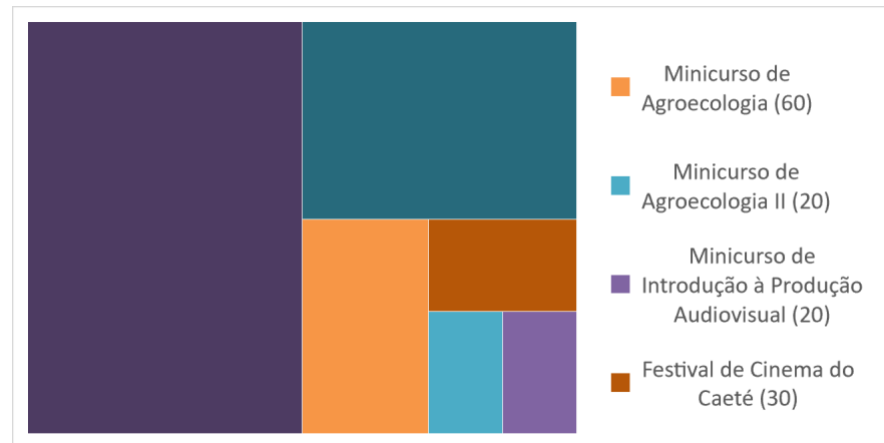


Foto: Festival Rio Ouricuri (2018)

### **3.2.4 Programação musical**

Na segunda edição do Festival Rio Ouricuri, as apresentações musicais foram realizadas na praça de 3 de maio a partir das 18h. As bandas que se apresentaram foram Amanajazz, Móbile Lunar, Redima, Steek Core e Costa Larga. Os djs que se apresentaram foram Stardust, Jurunas Roots, Klaus e Denys. Também houve apresentações da Marujada de São Benedito, do bairro D. João VI e da Marujada de São Sebastião, do bairro de Santa Luzia. Houve também apresentação de artes no local.

Gráfico 2 – Participantes por atividade



Fonte: Relatório do festival, 2018

### 3.3 3ª EDIÇÃO DO FESTIVAL RIO OURICURI

A terceira edição do Festival Rio Ouricuri realizada em 2021 foi contemplada com o Edital Festivais Integrados da Lei Aldir Blanc. O orçamento de R\$ 140 mil reais permitiu que ocorresse um aumento significativo de atrações, infraestrutura e a contratação de equipe profissionalmente remunerada. Inicialmente, o festival seria realizado presencialmente, porém o retorno da pandemia da Covid-19 fez com que as duas noites de apresentações (artísticas e musicais), que seriam realizadas em espaço público, fossem compartilhadas nos canais do Facebook e Youtube do Festival, Instagram e site do Festival. Artistas paraenses de Capanema, Bragança, Santarém Novo, Castanhal, Igarapé-Açu, Primavera, Belém, Capitão-Poço, Vigia e Marabá se apresentaram em um espaço virtual de postagens, vídeos e imagens. Uma inovação adicionada em 2021 ao festival foi a criação do Prêmio Rio Ouricuri de Sustentabilidade, que premiou um sujeito de uma comunidade local para incentivar, valorizar e divulgar ações e práticas mais sustentáveis.



Figura 10 – Atrações artísticas e musicais do Festival



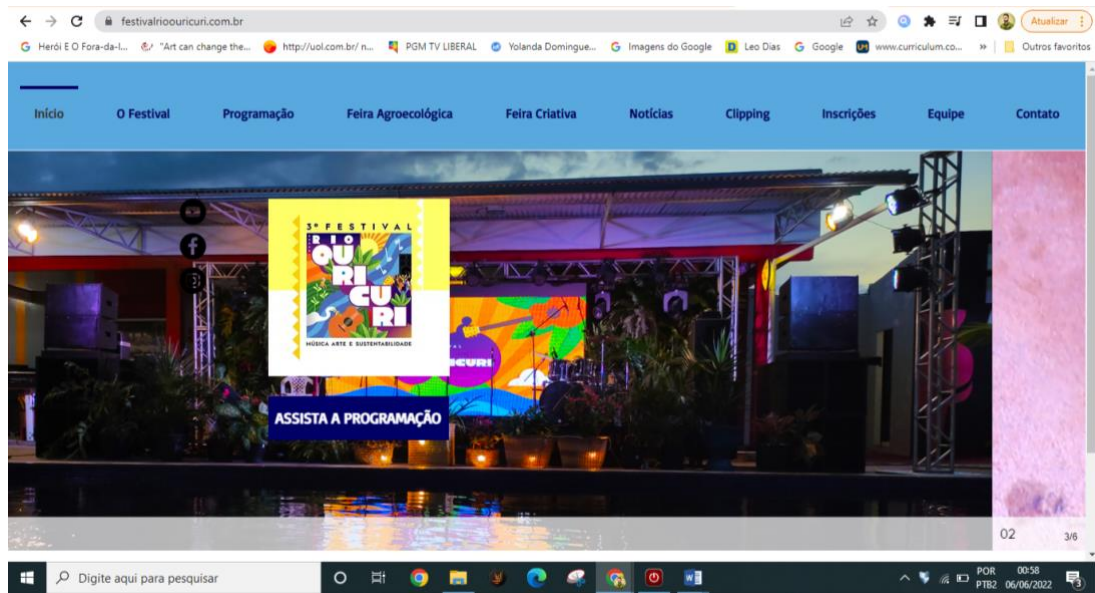
Foto: Festival Rio Ouricuri (2018)

Figura 11 – Montagem de espaço para fotos de artistas com tapete verde



Foto: Acervo pessoal, 2021

Figura 12 – Site do Festival



Fonte: [www.festivalrioouricuri.com.br](http://www.festivalrioouricuri.com.br)

O Festival foi definido pela organização como uma programação gratuita acessível e inclusiva de shows, apresentações artísticas, palestras, feira criativa e agroecológica. Alinhado aos eixos música, arte e sustentabilidade, buscando o fomento da economia criativa e solidária de artistas autorais e iniciativas sustentáveis da região da microrregião do Salgado.

Figura 13 – Samanta Ramos, da equipe, posa em painel com itens reutilizados



Foto: Acervo pessoal, 2021

Os principais momentos do Festival foram duas transmissões ao vivo realizadas nos canais de Facebook e Youtube do Festival. Estruturado, tendo como base um programa de televisão, o que revela já a interferência dos meios de comunicação em uma produção alternativa, a transmissão contou com apresentador, vinhetas, abertura, intervalos comerciais, apresentação artísticas e espaço para comunicação dos empreendedores criativos. Um dos destaques do Festival foi a promoção de artistas da própria cidade e de cidades vizinhas de diversos ritmos e manifestações. Já nessa terceira edição foi feita uma autoanálise e foi perceptível o quanto o Festival modificou-se no sentido da profissionalização e também da interferência estética dos meios de produção de massa sobre eles. O roteiro das transmissões ao vivo refletiu essas características de adequação de linguagem a um grande público e também motivado pela lógica de patrocínios, suas expectativas e parcerias firmadas com o poder público e privado, sem as quais o festival não seria possível.

A primeira noite de transmissão ao vivo foi composta por um vídeo de abertura, presença dos artistas, abertura da transmissão com o apresentador Raul Bentes, apresentação musical de Ceuvátika, apresentação de dança do grupo Arte na Veia, apresentação de musical de Dick Casanova, intervalo comercial para exibição de marca de patrocinadores e apoio, apresentação musical de Allex Ribeiro, apresentação artística da Associação da Marujada de São Sebastião de Capanema (AMSCAP), apresentação de vídeo de iniciativa sustentável do projeto Paneiro Agroecológico, apresentação do grupo Dançando a tradição e apresentação do grupo de carimbó de Capanema Ouricuri.

Figura 14 – Apresentação Ceuvátika



Fonte: [www.festivalrioouricuri.com.br](http://www.festivalrioouricuri.com.br)

Figura 15 – Apresentação do capanemense Dick Casanova e banda



Foto: Festival Rio Ouricuri (2018)

Figura 16 – Apresentação de rap N-Day



Foto: Festival Rio Ouricuri (2018)

Figura 17 – Apresentação do grupo de carimbó Ouricuri



Foto: Festival Rio Ouricuri (2018)

A segunda noite de transmissão ao vivo iniciou com a mesma estrutura com a vinheta de abertura. Em seguida, o apresentador chamou a artista capanemense não binária MC Pokaroupas, uma apresentação artística em drag de Allyster

Fagundes, a apresentação musical da banda capanemense de rock Redima, houve intervalo comercial para exibição de marca de patrocinadores seguido da apresentação musical da banda de Castanhal Dead Now, apresentação artística do CSC, apresentação musical do Los Pelicanos, vídeo de apresentação da feira criativa, um intervalo de chamada de redes sociais, em seguida, a apresentação musical da banda Paralelo 11, a apresentação da contemplada do Prêmio Rio Ouricuri de Sustentabilidade, a apresentação de um vídeo ecológico da comunidade do Segredinho, a apresentação artística de dança de Gessica Lima e, por fim, a apresentação musical da banda Cérebro de Galinha.

Figura 18 – MC Pokaroupas, artista não binária capanemense



Foto: Festival Rio Ouricuri (2018)

Figura 19 – Banda Redima (rock)



Foto: Festival Rio Ouricuri (2018)

Figura 20 – Banda castanhalense de rock progressivo Dead Now



Foto: Festival Rio Ouricuri (2018)

Figura 21 – Banda Los Pelicanos



Foto: Festival Rio Ouricuri (2018)

Figura 22 – Banda Paralelo Onze



Foto: Festival Rio Ouricuri (2018)



Figura 23 – Entrega do prêmio Rio Ouricuri de Sustentabilidade à agricultura Raimunda Tavares dos Santos por Geovane Maximo – coordenador geral do Festival



Foto: Festival Rio Ouricuri (2018)

Figura 24 – Banda Cérebro de Galinha



Foto: Festival Rio Ouricuri (2018)

Nesta edição, o Festival contou com uma estrutura de divulgação de site, canal no Youtube, página no Facebook, página no Instagram, página no Spotify. Durante o projeto de exibição, o projeto alcançou 112 mil pessoas e teve mais de 17 mil engajamentos, ou seja, o número de vezes que as pessoas comentaram, reagiram ou compartilharam as publicações. Além disso, 123 trabalhadores foram beneficiados diretamente e 30 trabalhadores indiretamente. Foram envolvidos dois espaços culturais, oito microempresas, uma cooperativa, o Sebrae Caetés e a Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA) em Capanema. A edição 3 do Festival Rio Ouricuri foi uma plataforma de conteúdo e apresentação de artistas, de disseminação de práticas sustentáveis e espaços de formação realizada, sobretudo virtualmente, entre os dias 8/6 a 21/9 de 2021. Foram realizadas oficinas na zona rural e lançamento do projeto Painho Agroecológico, além de três *lives* por meio do Canal Con-Versando (UFRA)<sup>12</sup>, três palestras virtuais, duas *lives* culturais com 17 apresentações musicais e artísticas, a Feira Criativa virtual e o lançamento do Prêmio Rio Ouricuri de Sustentabilidade. Algumas produções demarcaram nitidamente a opinião do Festival. Uma delas foi o videoclipe “Vital”, de Gessica Lima, Said e Alezado, que se posiciona claramente contra a expansão da pecuária extensiva e seus consequentes danos para o meio ambiente.

Uma análise que se faz necessária do roteiro é a miscelânea de atrações e como elas são inseridas de maneira estratégica dentro do contexto da velocidade que o capitalismo exige em que a atenção e o tempo é um recurso raro e dispendioso. Isto é, ao mesmo tempo que o Festival busca de certo modo recuperar espaços de encontros, restaurar afetividades e narrar histórias próprias dos seus moradores, ele lança mão dos recursos recomendados pelo capitalismo para atrair e reter esse público. Por outro lado, fez-se necessário aqui descrever os artistas, apresentações musicais e empreendedores da 3ª edição do Festival.

---

<sup>12</sup> <http://ufpacampuscapanema.blogspot.com/2018/12/festival-rio-ouricuri-2018-2-edicao.html>.

### 3.4 APRESENTAÇÕES MUSICAIS<sup>13</sup>

Figura 25 – Post Alex Ribeiro



Foto: Comunicação do Festival Rio Ouricuri

Alex Ribeiro é cantor e compositor reconhecido por suas letras fortes e contundentes. Notabilizou-se recentemente por suas parcerias em músicas e videoclipes com o cantor paraense Nilson Chaves e com o maranhense Zeca Baleiro. Sua ligação com as letras iniciou-se no jornalismo, quando, ainda em Capanema, foi repórter. Em Bragança, ele continuou no ofício no jornalismo e passou a enveredar para a música. Foi em 2010 que teve início oficialmente a sua carreira como cantor. O ofício de compositor, entretanto, começou bem antes. Aos 18 anos já ensaiava alguns versos e depois de um encontro com o amigo letrista João Paulo Carvalho, que estudava no mesmo colégio que ele, as canções começaram a surgir.

Ele relata que ter sido criado em uma casa bastante musical com pais que amavam música e são os responsáveis pelo contato com diversos discos. Suas principais referências na juventude foram Luiz Gonzaga e Roberto Carlos. Desse repertório eclético advém a diversidade de suas canções, que costumam ter letras fortes, questionadoras com abordagens ácidas que aparecem também nos temas românticos.

Formado em História pela Universidade Federal do Pará, o artista tem colecionado parcerias com artistas de renome da MPB, como Zeca Baleiro, e da música paraense, como Nilson Chaves, Almirzinho Gabriel, Toni Soares, Neo Pineo, Felipe Cordeiro, Paulo Uchôa, Allan Carvalho, entre outros. Suas principais influências na música são Raul Seixas, Zé Geraldo, Zé Ramalho, Luiz Gonzaga, Fagner, Caetano

<sup>13</sup> Texto de apresentações musicais fornecidos pelos artistas durante seletiva para o Festival, com devidas adaptações e correções, quando necessário (RIO OURICURI, 2021).

Veloso, Roberto Carlos, Jessé, entre outros. Sua produção mais recente, foi o EP lançado em 2020 com seis faixas, denominado "O amor que acreditei de porre". O trabalho tem participação do cantor e compositor paraense Nilson Chaves.

Figura 26 – Post Cérebro de Galinha



Foto: Comunicação do Festival Rio Ouricuri

Cérebro de Galinha é uma banda de punk-rock de Marabá teve início em meados de 2014 e nasceu da iniciativa de montar uma nova banda de crossover na cidade. Inspirado nas batidas fortes do Ratos de Porão, Mureka di Rato e outros ícones do hardcore nacional, o grupo formado por músicos que se conheciam do Infernin, local de ensaio de bandas *undergrounds* da cidade, ganhou notoriedade quando um dos seus vídeos caseiros publicados na rede social Facebook viralizou, alcançando mais de 3 milhões de visualizações. A formação original da banda contava com Mort na guitarra, Moska no baixo, Cego nos vocais e Dudu na bateria. Essa formação lançou uma demo intitulada “Mundo em Caos” com letras fortes e influências diversas: desde grindcore até o trash metal. Em seguida, a banda recebeu um novo integrante, Torrada, que veio para ocupar o lugar deixado por Moska, que saiu da banda. Foi essa a formação que se apresentou no Festival Rio Ouricuri e que está trabalhando, na época da defesa desta dissertação, em uma nova demo com um som muito mais rápido e pesado (RIO OURICURI, 2021).

Figura 27 – Post Ceuvátika



Foto: Comunicação do Festival Rio Ouricuri

Ceuvátika é cantora, compositora e produtora castanhalense, ela propõe e defende o evidenciamento da ancestralidade amazônica, da afetividade lésbica, do autocuidado e do empoderamento feminino como elementos de cura que se processam pela arte. Suas referências passeiam por ritmos paraenses, como o carimbó, o brega, as cadências do samba, MPB, blues e soul. No festival Rio Ouricuri, ela apresentou um repertório de músicas autorais que mesclam elementos da música amazônica e paraense com influências da música popular brasileira (RIO OURICURI, 2021).

Figura 28 – Post Dead Now



Foto: Comunicação Festival Rio Ouricuri

Deadnow<sup>14</sup>, segundo Rio Ouricuri (2021), é uma banda de rock alternativo/experimental formada por jovens de Castanhal, cidade com características semelhantes a Capanema: nascida às margens da rodovia BR-316 e com uma dinâmica urbana bastante pronunciada. Essa influência urbana reflete-se em bandas de rock que expressam essa urbanidade e refletem sobre esses problemas sociais. O grupo é formado por Aryel (sintetizador), Gabrix (baixo), Johnny Dalton (voz e bateria), JP Oliveira (guitarra e voz), JV Neris (baixo) e William Wods (guitarra).

Os integrantes definem a banda como produtora de um som dadaísta/surrealista e que possui influências de bandas, como Gorillaz, Pink Floyd, King Gizzard and The Lizzard Wizard e outras bandas de rock psicodélico e progressivo. O grupo possui um forte componente visual em suas apresentações já que eles produzem projeções surrealistas que acompanham suas apresentações ou mesmo clipes que apresentam suas músicas.

O primeiro projeto oficial da banda foi o EP “Blue for Freedom”, lançado em 2020, seguido por seu evento de lançamento, denominado “Chá de ET”. Anteriormente, algumas produções de caráter experimental, como o álbum demo “Chau e Breux” (2017) e o single “Mufino” (2019) já tinham sido produzidos pela banda. Desde 2015, no entanto, a banda realiza apresentações tendo tocado em festivais de Belém e do interior do estado. Em 2021 lançou seu 1º videoclipe, “Sádicos Testas de Ferro”; e atualmente se prepara para lançar o 2º vídeo, chamado “Die Again”, o mais novo single da banda.

---

<sup>14</sup> Texto produzido com informações fornecidas pela banda e em entrevista coletada na internet: <http://iaraalternativa.blogspot.com/2018/03/entrevista-deadnow.html>.

Figura 29 – Post Dick Casanova



Foto: Comunicação Rio Ouricuri

Dick Casanova é natural de Capanema e possui em seu repertório canções pop/românticas em uma linguagem contemporânea, com uma carreira com mais de 16 anos de apresentações em Capanema, Salinópolis e demais cidades vizinhas em bares, escolas, teatros e eventos particulares. Seu EP (Extended Play) “Margarida” possui cinco canções autorais: a primeira música é "Retrato na parede", composição do próprio em parceria com Alex Ribeiro e João Paulo de Carvalho, já "Rumores de vida em Marte" é composição somente do cantor, já "De Tauari a Bagdá" é uma composição dele com João Paulo de Carvalho; além de "Flores de novembro" e a última, que dá nome ao EP, também são de autoria dele. Essas canções falam de amor e são ambientadas em um cenário urbano: “esse EP é uma síntese do que eu fiz ao longo de 16 anos. Reúne um pouco de tudo que já toquei e cantei”, conforme o cantor (RIO OURICURI, 2021). Uma curiosidade é que as músicas foram gravadas no Jail Home, estúdio localizado na periferia da cidade de Capanema (bairro do Mutirão). Dentre as pessoas envolvidas na produção do EP estavam Jailson Siqueira (produção musical e bateria), Jó Siqueira (guitarra, violão e baixo) e Jamilson Siqueira (teclado e programações eletrônicas).

Figura 30 – Grupo de carimbó Ouricuri



Foto: Comunicação do Festival Rio Ouricuri

A história do grupo de carimbó Ouricuri, em muitos momentos, confunde-se com a de seu mestre: Raimundo Benedito, conhecido como Mr. Bonde. Seu envolvimento com o carimbó e a cultura popular teve início em 1970 quando ele teve contato com a obra de Mestre Verequete, um dos mais importantes mestres de carimbó paraense, reconhecido como um dos pioneiros a registrar em álbuns no formato LP e difundir o carimbó raiz ou pau e corda. Os bailes dançantes de Capanema e do Nordeste paraense foram os ambientes em que o carimbó pau e corda foi inserido por Bonde por meio de sua coleção de LP. Ainda na década de 1970, Mr. Bonde começou a escrever suas primeiras letras, tocar banjo e aprender a tradição de confeccionar seus próprios instrumentos. Após tocar com vários músicos, no início dos anos 2000, o mestre cria o grupo de carimbó Ouricuri. Segundo ele, o grupo surge de um papo de mesa de bar no dia 24 de dezembro de 2007. O início do grupo e a contratação dos músicos permitiu a apresentação em vários locais e o lançamento de discos, clipes e CD.

O nome do grupo é uma homenagem ao rio que corta a cidade de Capanema e antecipa a preocupação com a preservação do meio ambiente e da memória de seus moradores expressa em suas letras. O grupo propõe-se a fazer um apelo em forma de arte às autoridades e à população local sobre a sustentabilidade e necessidade de reverter a situação de abandono em que se encontra o rio Ouricuri, apesar da recente criação da orla que o contorna.



Figura 31 – Post Los Pelicanos



Foto: Comunicação Festival Rio Ouricuri

Los Pelicanos é uma banda de rock oriunda de Capitão Poço (PA) formada no ano de 2018. Constituiu-se pela mistura de influências de ritmos tradicionais e artistas alternativos da década passada, destacando-se o indie, rock e dream pop. O grupo se diferencia pela união de diferentes gerações de músicos independentes da cidade. Assim como outras bandas do interior, seus membros também são produtores, uma estratégia recorrente de bandas de cidades pequenas para conquistar espaços de apresentação. Eles são os principais organizadores do Festival Laranja Mecânica, que completou 10 anos em 2020, sendo um expoente cultural da cidade de Capitão Poço. A banda possui 4 EP (Extended Play) disponíveis nas principais plataformas de streaming de áudio, sendo três deles gravados em *home studio* pelos próprios integrantes e um EP ao vivo (RIO OURICURI, 2021).

Figura 32 – Post MC Pokaroupas



Foto: Comunicação Festival Rio Ouricuri

MC Pokaroupas também se autodenomina como Everson Borges, seu nome de batismo. Natural de Capanema (PA), é compositora e intérprete, cria poesias cantadas que falam de um cotidiano tanto da vida no interior, “quanto de resistências a diversas violências que seu corpo e sua comunidade é alvo” (RIO OURICURI, 2021). Usa da arte pra empoderar corpos LGBTQI+ principalmente do interior, mas também de capitais que tem mais acessos, pois segundo ela:

as composições que cria se misturam a performance visual e a estilos musicais como o rap, o funk e com essências da sua ancestralidade indígena negra amazônica, traz também o carimbó e o tecnobrega, fortalecendo um cenário de LGBTQI+ na música e na história da arte amazônica. (RIO OURICURI, 2021).

Figura 33 – Post N-Day



Foto: Comunicação Festival Rio Ouricuri

N-day é um artista que se define como interiorano. Natural de São João de Pirabas (PA) e atualmente residente em Vigia de Nazaré (PA), atua no cenário musical há mais de 10 anos e possui currículo artístico diverso. Dentre suas principais apresentações, destacam-se Cypher Sal, VGFEST, Programa da Safira Close e Podcast Room Studio. Ele integra os grupos zona-8, VBANCA e o coletivo AMANAJEZZ. Em suas composições, ele cita suas vivências periférica e interiorana (RIO OURICURI, 2021).

Figura 34 – Post Paralelo Onze



Foto: Comunicação Festival Rio Ouricuri

Paralelo Onze é uma banda surgida em 2007 na cidade de Primavera, cidade vizinha a Capanema. Sua proposta é caracterizada por um trabalho autoral que é defendido por seus integrantes como um “estilo próprio”. Segundo eles, a banda parece ser várias bandas em uma só, por causa da junção das preferências musicais de seus integrantes e suas influências que vão desde o samba até o rock mais denso.

Sua trajetória é constituída por shows no Pará, em 2010 foram mais de 15 shows, destacando-se a Prévia do Grito Rock e Grito Rock, Festival Megafônica, Invasão Caipira e Festival Eco Rock (RIO OURICURI, 2021).

No ano de 2011 teve o lançamento do seu CD e a continuidade dos trabalhos que a banda vem desenvolvendo há um tempo. Após um hiato de três anos, a banda retornou, a pedido dos fãs. Esse retorno foi registrado em uma Live Show que foi transmitida pela página do Festival Eco Rock.

A banda, em 2021, gravou um novo EP com oito faixas inéditas e foi lançada nos streamings ainda no 1º semestre de 2021, o EP foi financiado pelo Edital de Música da Lei Aldir Blanc Pará.

Figura 35 – Post Redima



Foto: Comunicação Festival Rio Ouricuri

A Redima foi formada em 2008, a banda de rock alternativo de Capanema é formada por Alexandre Mendes (baixo), Jailson Siqueira (bateria), Jó Siqueira (guitarra) e Jamilson Siqueira (voz e teclados). Já passou pelos principais festivais da região e capital, dentre eles, o Festival Rock Rio Guamá, o Festival Eco Rock e o Festival Laranja Mecânica.

O primeiro lançamento da banda ocorreu em 2010 com o EP demo “Burning Sky”. Em 2011, ocorreu o lançamento virtual do single “Satélite”. Inspirado em influências new wave pós-punk, em 2013, a banda lançou o single “Além do Tempo” e mais dois lançamentos em português. Em 2015, sua primeira composição em inglês vem ao público: “On the fire”. No dia 5 de março de 2016 lançou seu primeiro álbum com “Between Now and Yesterday”, com três faixas em português, sete faixas em inglês e um prelúdio instrumental. Em 2020 surgiu “Ode ao esquecimento” e agora prepara a finalização do EP “Depois da Euforia”.

### 3.5 APRESENTAÇÕES ARTÍSTICAS

Figura 36 – Post Allyster

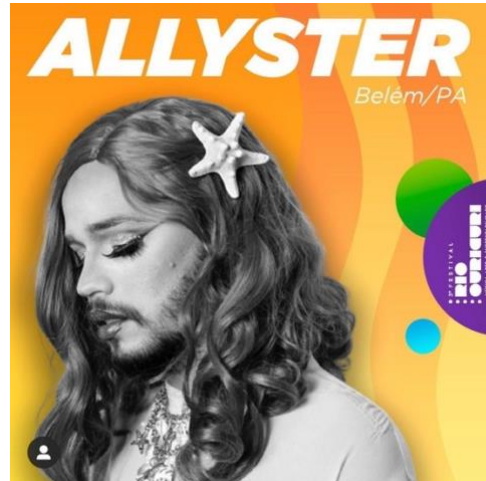


Foto: Comunicação Festival Rio Ouricuri

Allyster Fagundes é um comunicador e multiartista da capital. Integrou o coletivo Noite Suja, grupo LGBTQIA+ de Belém que promoveu eventos e ações que se notabilizaram pela expansão da arte drag na capital. No Festival, ele propôs a vídeoperformance “Repouso sobre as águas”, performance drag que misturava música clássica, teatro, poesia e projeção. A concepção artística, segundo ele, tem como base o “Soneto da separação”, de Vinicius de Moraes e traz características e elementos visuais concebidos a partir da personagem Ofélia, da obra “Hamlet”, de Shakespeare.

Figura 37 – Post AMSCAP

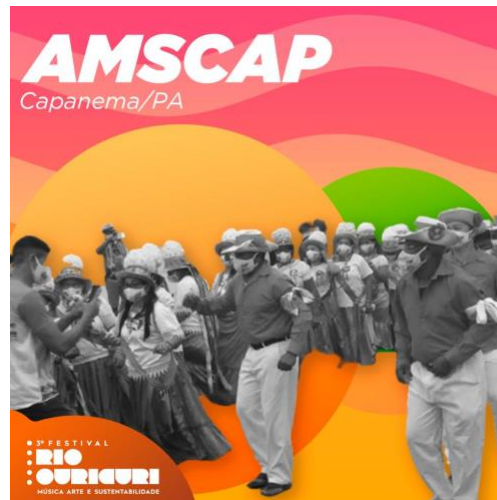


Foto: Comunicação Festival Rio Ouricuri

A AMSCAP<sup>15</sup> surgiu legalmente em 2017 e tem um histórico de valorização e resgate da cultura da Marujada em Capanema. Em 2004, diversos moradores do centro da cidade, mais especificamente, participantes da comunidade de Nossa Senhora do Rosário, das ruas Veiga Cabral e dos Timbiras, reuniram-se para retomar um antigo grupo de Marujada que existiu na comunidade até meados de 1960.

Assim como em outros lugares, em Capanema, a Marujada foi introduzida por negros que moravam na rua dos Timbiras e eram descendentes de pessoas escravizadas que vieram do município de Bragança, local em que a tradicional Marujada em louvor a São Benedito já possuía mais de dois séculos e cuja formação surgiu da criação de uma irmandade de negros, a Marujada para Capanema foi trazida por essas pessoas, mas não a levaram adiante. Porém, ficou um legado muito importante para as crianças da comunidade, que guardavam memórias afetivas e sentimentos de comunhão entre os moradores. Esses sentimentos foram amalgamados pela relação sincrética do Catolicismo com as manifestações da cultura popular. A capitoa Teté ressalta, em conversa informal, que foi uma das crianças que cresceu com essas influências. Já adulta, ela se reuniu com moradores em 2004 para retomar a manifestação cultural na comunidade de Nossa Senhora do Rosário.

Um detalhe interessante é que a origem dessa comunidade nasceu em louvor a São Benedito, porém, a Marujada realizada atualmente é em louvor a São

---

<sup>15</sup> Texto derivado de histórico enviado pela associação no processo seletivo de atrações (RIO OURICURI, 2021, documento do Google Docs).

Sebastião. Tal mudança ocorreu porque os moradores da comunidade do Rosário tinham o hábito de frequentar uma festividade na zona rural, distante 3 km da sede do município, organizada por seu Rufino (*in memoriam*) em seu sítio. Todos os anos ocorria um levantamento de mastro e um grande almoço no mês de janeiro em homenagem a São Sebastião como uma promessa de gratidão por um episódio em que seu filho padecia de uma doença.

O exercício da fé cristã e a participação constante na festividade de Rufino fez com que os moradores da comunidade Rosário decidissem realizar o sonho de criar um grupo de Marujada no município de Capanema. Essa Marujada traria elementos da cultura da festividade de São Sebastião realizada por Rufino, dentre esses elementos herdados destacam-se danças, músicas, ritualísticas, mas com a adição de outros, como o levantamento de mastro e o cortejo para o Santo na própria comunidade do Rosário, local em que fica localizada a AMSCAP.

Após 2004, a associação fora convidada para diversas apresentações no município e até na capital: aniversário da cidade, feira da cultura, festividades de santo, eventos particulares. Um dos destaques dessa história da associação foi a apresentação no Fórum Social Mundial realizado em Belém e também no Parque dos Igarapés, conhecido clube da capital paraense. Além das atividades artísticas, a associação já promoveu curso de artesanato em parceria com o Serviço Nacional da Indústria (SENAI).

O trabalho da AMSCAP teve seu reconhecimento pelo poder público do município de Capanema, quando em 2019, por meio da Câmara Municipal de Capanema, o prefeito sancionou a Lei n. 6.430/2019, declarando e reconhecendo a AMSCAP como uma entidade de utilidade pública do município. Portanto, seu objetivo é desenvolver um trabalho em Capanema de manter viva a tradição popular de manifestação cultural e religiosa da Marujada de São Sebastião, mas também, sobretudo, realizar atividades que possam integrar os moradores da comunidade e melhorar seu convívio e autoestima por meio da arte, música, da dança, das brincadeiras tradicionais, das confraternizações, dos festejos de datas comemorativas, dos bingos dançantes e outras formas de contribuir com a sociabilidade e bem-viver entre os moradores e membros da Associação.

Após a pandemia, a AMSCAP retomou a realização de eventos tradicionais como a Festa da Páscoa, Dia das Mães, Festa Junina, Dia dos Pais, Dia das Crianças e Festividade de Nossa Senhora do Rosário (Padroeira da comunidade do Rosário,

onde está localizada). Porém, uma coisa se mantém: a principal atividade desenvolvida pela entidade é a Festividade do Glorioso São Sebastião, que dá nome à associação e ocorre entre os dias 13 a 20 de janeiro, sendo uma manifestação cultural de cunho religioso que ocorre também em outros municípios e regiões do estado do Pará, tendo forte adesão no Nordeste paraense.

O grupo realizou no Festival uma performance de danças da Marujada, envolvendo crianças, jovens, adultos e idosos, marujos e marujas devotos de São Sebastião e membros da AMSCAP. O intuito foi resumir e apresentar ao público a manifestação de fé e cultura da Marujada de São Sebastião, apresentando um pouco de cada uma das danças e fazendo uma encenação de levantamento e derrubada do mastro de São Sebastião.

Figura 38 – Post Dançando a tradição



Foto: Comunicação Rio Ouricuri

O Dançando a tradição<sup>16</sup> é do município de Santarém Novo (PA), localizado a 136 km de Belém. O ritmo carimbó existe na cidade desde o século XIX, tradição mantida pela Irmandade do Carimbó de São Benedito, que realiza 11 dias de festa e que envolve dança, comidas, bebidas, cantos e homenagens ao santo protetor. É desse contexto que deriva o grupo, se diferenciando de outros grupos por algumas características peculiares: a complexidade da festa que realiza novenas, ladainhas, alvoradas, levantamento, varrição e derrubada de mastro, queima de fogos, sorteio

<sup>16</sup> Texto derivado de histórico enviado pela associação no processo seletivo de atrações (FESTIVAL RIO OURICURI, 2021, documento do Google Docs).



dos festeiros, trajes tradicionais e diversos cargos, como juízes, mordomos, padrinhos, fiscais e outros.

A festa é conduzida tradicionalmente pelo conjunto musical “Os Quentes da Madrugada”. Formado por mestres locais, reverenciado pela excelência artística de seu repertório e a precisão de seus músicos e cantores. Nesse sentido, destacam-se a sonoridade peculiar do conjunto, marcada pela força e ritmo sincopado de sua percussão, diferenciando-se dos demais grupos desse ritmo na região. Essa diferença é originada também pela ausência de instrumentos de cordas e de sopros no conjunto musical, isso levou o grupo a desenvolver uma assinatura musical ímpar, considerado por alguns hipnóticos e orgânicos, mantras em forma de batuque e cantoria. Essa diferença no ritmo e linguagem corporal permitiu que a dança do carimbó em Santarém Novo, incluindo o “Dançando a tradição”, incorporasse procedimentos rituais e movimentos corporais únicos que compõem um patrimônio cultural preservado pela oralidade. Os dançarinos utilizam trajes (paletó e gravata) enquanto as mulheres vestem blusa de manga e saia longa. Esses adereços permitem sutileza e movimentos coreográficos particulares da tradicional dança de carimbó. Especialistas destacam sua elegância e visceralidade.

No Festival Rio Ouricuri, os dançarinos de Santarém Novo, considerados mestres e mestras dessa arte ancestral, pessoas que aprenderam com os mais velhos e desenvolveram suas próprias técnicas de dança, apresentaram-na em um evento virtual. Foi apresentada a performance “Dançando a Tradição: Carimbó de Santarém Novo e seu caqueado”. Foram apresentados movimentos corporais e passos originais que predominaram nas performances dos dançarinos tradicionais que participam das centenárias festas de carimbó da Irmandade do Carimbó de São Benedito, em especial, a icônica Dança do Peru.

Essa dança exige que um par dance de cada vez no centro da roda. Por meio de movimentos, eles simulam o gestual de um peru na disputa por acasalamento. Essa dança é considerada o auge das festas da Irmandade, realizada, via de regra, após a meia-noite. Nela, os pares se perfilam nas bordas do salão de dança, aguardando sua vez de mostrar sua perícia e seu ‘caqueado’ no modo de dançar. A plateia ao redor costuma ovacionar os melhores.

O carimbó, para o povo de Santarém Novo, é parte indissociável de sua existência. É o tempo da festa e de devoção. Tempo de alegrar e libertar-se,

comemorar, agradecer, compartilhar e, especialmente, amanhecer 'breados' de suor dançando no barracão.

Figura 39 – Post Arte na veia



Foto: Comunicação Rio Ouricuri

Arte na Veia é um projeto social do município de Igarapé-Açu (PA) fundado em 2017 na comunidade Botafogo. O projeto oferta aulas de dança de forma gratuita para a comunidade em geral. Seu propósito é desenvolver a dança como área de conhecimento e contribuição na educação de crianças e adolescentes. Anualmente, os alunos desenvolvem um espetáculo e dois eventos menores. O primeiro ocorre no início do ano, lançando o novo espetáculo e o segundo no final do ano, no encerramento das atividades do ano corrente. No Festival Rio Ouricuri, o grupo apresentou danças do estilo afro-dance que surgiram após pesquisas dos alunos acerca da cultura afro-brasileira.

Figura 40 – Post Gessica Lima



Foto: Comunicação Rio Ouricuri

Gessica Lima é coreógrafa e dançarina formada pela Universidade Federal do Pará. Seu trabalho corporal foi apresentado desde as primeiras edições do Festival Rio Ouricuri. Segundo ela, “seu trabalho é fruto de uma experimentação do próprio corpo, através do movimento, das sensações e da estética amazônica visa a responsabilidade da classe artística na preservação do meio ambiente”, conforme texto adaptado do histórico enviado pela artista à associação no processo seletivo de atrações.

Na edição 3 do Festival Rio Ouricuri, ela realizou uma apresentação em forma de videoclipe: “promovendo reflexões no telespectador acerca do combate ao mercado de animais por meio do desconforto gerado por símbolos como a crítica de uma criança, o ponto de vista do gado e o sangue derramado no processo”.

Figura 41 – Post CSC



Foto: Comunicação Rio Ouricuri

O CSC Crew é um grupo de dança e arte que recruta há 10 anos jovens da periferia para participar deste movimento inspirado no hip hop como forma de ressignificar espaços públicos com dança e cultura.

A Batalha CSS é uma coreografia baseada no sentimento de resgate que o hip-hop proporciona, buscando aproximação do público jovem. O break apresentado explorou as possibilidades de expressão do corpo no espaço urbano.

### 3.6 EMPREENDIMENTOS CRIATIVOS

O Ecosolu é um empreendimento ambiental que busca alternativas sustentáveis para a redução da geração de resíduos no meio ambiente. Ele trabalha com a comercialização de copos e serviços de consultoria para redução de produção de resíduos para empresas e associações.

Já o Sereia Cabocla é um empreendimento de Bragança (PA) surgido em 2020 que traz diversas influências regionais em sua estética e temática. A principal delas é a tradicional Marujada de São Benedito, que traz seu colorido pelas fitas esvoaçantes nos chapéus das marujas e a sua indumentária majestosa nos dias de festa.

Segundo a empreendedora Bianca de Góes:

há uma forte influência da mulher interiorana, cabocla, amazônida e ribeirinha que habita nos sertões dessa região tão rica de verde, de fé e de cor. Nossa proposta é agregar muita cor e vida ao que fazemos e traçar, através da nossa arte, um olhar voltado para a Amazônia e sua religiosidade popular. (Depoimento pessoal de Bianca de Góes).

Seus trabalhos envolvem trabalhos manuais, artesanato etc. que são materializados em estandartes religiosos populares, flâmulas, além do bordado livre e macramê.

## 4 COMUNICAÇÃO E SOCIAÇÃO

Comunicação, socialização e sociabilidades são termos amplamente utilizados no campo da pesquisa em comunicação até pela grande troca entre as ciências sociais e a área de pesquisa da comunicação. Porém, dado o uso intensivo dessas palavras e o início desta discussão, é necessário definir a qual conceito de comunicação aciona-se aqui. Essa necessidade é ainda mais evidente em se tratando do que este trabalho de pesquisa estabelece, permeado de afetividades e encontros, de que modo um festival multi-linguagens cria, reproduz e aciona identificações culturais e sociais. Nesse sentido, concordo com França (2016, p.158) ao conceituar que “a comunicação é um processo de globalidade, em que sujeitos interlocutores, inseridos em uma dada situação, e através da linguagem, produzem e estabelecem sentidos, conformando uma relação e posicionando-se dentro dela<sup>17</sup>”, ou seja, acredito que há um caráter reflexivo da comunicação, isto é, a sua dupla potência de afetar-se e ser afetado pelo processo de interação.

O foco desta concepção são as relações cruzadas (dos sujeitos entre si, com a linguagem, com os dispositivos, com o contexto) e a ideia de globalidade. A comunicação é um processo global, em que cada elemento não pode ser tratado separadamente, mas existe em relação com os demais, numa relação de mútua afetação. Por isto, trata-se sempre de um fenômeno em movimento. (FRANÇA, 2016, p.172).

Essa concepção é bastante útil na medida em que abordar o Festival Rio Ouricuri é uma tarefa deveras complexa, seja pela multiplicidade de eventos, seja pela complexidade de tentar dar conta de um fenômeno multiforme em termos sociais e temporais. Abordá-lo exige a necessidade de considerá-lo enquanto processo social contínuo atravessados pelos sujeitos, contextos econômicos, temporais e culturais. Nesse sentido, recorro ao conceito de socialização de Simmel (1983):

Pois bem, o processo básico de socialização é constituído pelos impulsos dos indivíduos; e pelas formas que essas motivações assumem. Por isso mesmo, no processo de socialização há que distinguir entre forma e conteúdo. À maneira de Kant, representa aquela o a priori, o invariante por assim dizer, e só ela deve ser o objeto próprio e particular da sociologia, deixando os múltiplos conteúdos concretos para outras ciências sociais – o direito, a economia, a moral, a história, etc. (SIMMEL, 1983, p. 21).

---

<sup>17</sup> Segunda a autora, essa perspectiva é nomeada, por L. Quéré, de modelo praxiológico (ver Quéré, 1991 e França, 2003).

De outro modo, Simmel (1903) também auxilia em outro texto para compreensão e interpretação da identidade de uma cidade de médio porte em “As grandes cidades e a vida do espírito”, já que nele encontra-se subsídio para produzir a hipótese de que o Festival Rio Ouricuri é uma resposta a uma necessidade de recuperar o laço social que vem sendo perdido na medida em que os hábitos de cidade pequena vão dando lugar a uma cidade de médio/grande porte.

Explica-se isso da seguinte forma: à medida em que as cidades se tornam maiores, várias mudanças espaciais e econômicas alteram o ritmo daquela população. Por isso, a tendência é que sejam criados prédios para dar conta da especulação imobiliária e da escassez de terrenos nas áreas centrais da cidade, hábitos, como a sesta ou o cochilo após o almoço, tendem a desaparecer ou reduzir drasticamente graças à chegada de lojas nacionais que imprimem um novo ritmo à vida social; a própria interação com os familiares se torna mais escassa por causa da correria imposta pela necessidade de horários mais fixos e destinados a pagar contas.

Outro exemplo dessa mudança de hábitos é a mitigação do senso de comunidade, solidariedade e fraternidade estimulado pela concorrência estimulada pela conquista de emprego que no Capitalismo, especialmente, possui espaços limitados. O Festival então surge nesse contexto, como esse espaço de convivência, de encontro de pessoas com gostos similares, com aspirações afins e até posições ideológicas. Por meio do Festival promoveram-se ritmos, deu-se visibilidade a temas que não possuem destaque predominante (meio ambiente, sustentabilidade, arte).

Nessas transformações identifico o Festival como um elemento cultural de recuperação dos afetos e laços sociais mais coesos e mais ainda: de resistência. A maioria dos organizadores do Festival pertence ou tem afinidade com movimentos de resistência: Movimento dos Sem Terra, LGBTQIA+, teorias socialistas e formas de vida alternativas que respeitem o tempo de regeneração do planeta Terra.

Nesse sentido, segundo Simmel (1903):

Na medida em que a cidade grande cria precisamente estas condições psicológicas — a cada saída à rua, com a velocidade e as variedades da vida econômica, profissional e social —, ela propicia, já nos fundamentos sensíveis da vida anímica, no quantum da consciência que ela nos exige em virtude de nossa organização enquanto seres que operam distinções, uma oposição profunda com relação à cidade pequena e à vida no campo, com ritmo mais lento e mais habitual, que corre mais uniformemente de sua imagem sensível-espiritual de vida. Com isso se compreende sobretudo o caráter intelectualista da vida anímica do habitante da cidade grande, frente ao habitante da cidade pequena, que é antes baseado no ânimo e nas relações pautadas pelo sentimento. (SIMMEL, 1903, p. 577).

Ou seja, segundo Simmel (1903), a complexidade das cidades estabelece duas diferenças: enquanto o indivíduo da zona rural ou campo reage com o ânimo (ou sentimento), o indivíduo urbano reage com o entendimento (ou intelecto). Como será visto mais adiante nas falas dos organizadores do Festival Rio Ouricuri, notei esse ímpeto expresso na produção cultural, ela como uma necessidade de fazer frente a uma uniformização e a uma dominação racional em que o sentir é obliterado pela economia monetária e seus correlatos: pressão por produtividade, controle social, tendência a uniformização etc., assim, segundo Simmel (1903, p. 578): “As grandes cidades sempre foram o lugar da economia monetária, porque a multiplicidade e concentração da troca econômica dão ao meio de troca uma importância que não existiria na escassez da troca no campo.”

É justamente nesse afã de atendimento pronunciado ao mercado ocupado pela vida social que se produzirá, em alguns casos, uma “objetividade impiedosa, seus egoísmos econômicos, que calculam com o entendimento, não têm a temer nenhuma dispersão devida aos imponderáveis das relações pessoais” (SIMMEL, 1903, p. 579).

Capanema experimentou nos últimos dez anos um crescimento vertiginoso especialmente no setor de serviços e negócios. Tal crescimento pode ser ilustrado pela chegada de supermercados regionais, lojas nacionais (Americanas) e até mesmo a importação de hábitos e serviços de cidade de médio e grande porte. Essas transformações vão ao encontro do que apregoa Simmel (1903):

A pontualidade, a contabilidade, a exatidão, que coagem a complicações e extensões da vida na cidade grande, estão não somente no nexos mais íntimo com o seu caráter intelectualístico e econômico-monetário, mas também precisam tingir os conteúdos da vida e facilitar a exclusão daqueles traços essenciais e impulsos irracionais, instintivos e soberanos, que pretendem determinar a partir de si a forma da vida, em vez de recebê-la de fora. (SIMMEL, 1903, p. 580).

Outro conceito do autor que auxilia a compreender o processo de embotamento do sujeito face ao crescimento das cidades é o conceito de Atitude Blasé, segundo o qual o indivíduo, face a tantos estímulos da cidade grande, desenvolve um comportamento de apatia como um mecanismo de autoproteção e reserva. Explica o autor que tanto o excesso de prazeres levaria a uma atitude blasé como também rapidez e mudanças típicas da cidade grande, que exigem atenção e respostas a estímulos inofensivos (SIMMEL, 1903).



Assim como uma vida desmedida de prazeres torna blasé, porque excita os nervos por muito tempo em suas reações mais fortes, até que por fim eles não possuem mais nenhuma reação, também as impressões inofensivas, mediante a rapidez e antagonismo de sua mudança, forçam os nervos a respostas tão violentas, irrompem de modo tão brutal de lá para cá, que extraem dos nervos sua última reserva de forças e, como eles permanecem no mesmo meio, não têm tempo de acumular uma nova. A incapacidade, que assim se origina, de reagir aos novos estímulos com uma energia que lhes seja adequada é precisamente aquele caráter blasé, que na verdade se vê em todo filho da cidade grande, em comparação com as crianças de meios mais tranqüilos e com menos variações (SIMMEL, 1903, p. 581).

Na exploração junto aos participantes do Festival Rio Ouricuri para esta pesquisa foi encontrado justamente o oposto do que Simmel (1903) ditou: a necessidade de fazer frente à atitude blasé como uma estratégia de afirmação, resistência e existência de suas manifestações culturais na cidade. De outra maneira, movidos pela necessidade de autoconhecimento pessoal e profissional e da criação de espaços criativos, os produtores culturais sentiram a necessidade de ir de encontro a essa atitude de domínio da lógica de produção capitalista que controla o tempo, o sujeito, o espaço e a todos eles determinando um valor, um custo. É importante ressaltar que embora esse termo possa sugerir caráter pejorativo, Simmel (1903) advertiu que ele é fundamental para a possibilidade de realização da vida na cidade e que é uma das formas possíveis de realizar a socialização na urbe.

Diante desses dois perigos típicos da cidade grande, a antipatia nos protege; antagonismo latente e estágio prévio do antagonismo prático, ela realiza as distâncias e os afastamentos, sem o que esse tipo de vida não se poderia realizar: suas medidas e suas misturas, o ritmo de seu aparecimento e desaparecimento, as formas nas quais ela se satisfaz — isso forma, com os motivos unificadores em sentido estrito, o todo indissociável da configuração da vida na cidade grande: o que aparece aqui imediatamente como dissociação é na verdade apenas uma de suas formas elementares de socialização. (SIMMEL, 1903, p.583).

Na cidade, o aumento quantitativo de significação e energia se aproxima de seus limites, o homem agarra-se à particularização qualitativa, para que, por meio do excitação da sensibilidade de distinção, ganhe, de algum modo para si, a consciência do círculo social, o que conduz finalmente às mais tendenciosas esquisitices, às extravagâncias específicas da cidade grande, como o exclusivismo, os caprichos, o preciosismo, cujo sentido não está absolutamente no conteúdo de tais comportamentos, mas sim em sua forma de ser diferente, de se destacar e, com isso, de se tornar notado, o que, para muitas naturezas, é definitivamente o único meio de

resguardar para si, mediante o desvio pela consciência dos outros, alguma autoestima e preencher um lugar na consciência (SIMMEL, 1903).

Utilizei Simmel (1903) por perceber a congruência de seus pensamentos e como eles operam de maneira útil na leitura do objeto social desta pesquisa. Assim, a necessidade de compreensão do Festival Rio Ouricuri motivou a se buscar identificar, como um produtor de identificações a partir de socialidades, quais são os elementos propulsores da participação dos produtores nesse evento local.

Todavia, investigar um processo social exige sensibilidade e sem que se caia na armadilha de um excesso de subjetivismo ou subjetivação, não se tem como ignorar o componente afeto como fomentador de uma mobilização social, especialmente nas primeiras edições em que a participação era voluntária e não dispunha de remuneração para os seus participantes. Além disso, faz-se necessário relativizar o pensamento de Simmel (1903), uma vez que ele está pensando a cidade a partir da realidade europeia em que as diferenças entre campo e cidade são mais pronunciadas. As diferenças entre campo e cidade assumem outro caráter na Amazônia, haja vista que o caráter periférico de uma cidade do seu interior possui outras nuances que acabam minimizando as fronteiras urbano-rural. Para além disso, há a necessidade de responder à questão: por que uma pesquisa que precisa considerar os afetos?

#### 4.1 PESQUISA DOS AFETOS E ESTRATÉGIAS DO SENSÍVEL

A necessidade de uma pesquisa que considere os afetos é pelo próprio envolvimento do pesquisador, seja no desenvolvimento do trabalho prático enquanto coordenador de comunicação, seja como pesquisador que perscruta pelos elementos de identificação e aglutinadores de um grupo eminentemente local que se reúne para o desenvolvimento de trabalho, mas que compartilham vivências pessoais anteriores a produção do Festival, pois, segundo Sodré (2006):

A sociabilidade - conceito cunhado por Simmel para designar a forma espontânea da interação social, livre de conteúdo específicos - resulta da tensão entre a forma a priori e o vivido multiforme, logo é feita de interação e da dinâmica dos valores de uma individualidade qualitativa. (SODRÉ, 2006, p. 64).

Nesse sentido, coaduno com o pensamento do autor ao enfatizar o aspecto do cotidiano e da dominância da sociabilidade de coser os indivíduos. Ou seja, são as

microagregações produzidas pelas reuniões “banais” que vão dar forma à sociedade e fornecer os elementos essenciais para a compreensão dela. Portanto, ao referenciar Simmel (1903), Sodré (2006) atenta para a necessidade de uma visão que extrapole a visão da indústria cultural apregoada pela Escola de Frankfurt.

Ao acionar o pedagogo Paulo Freire, Sodré (2006) adverte que, embora Freire não fosse especificamente um analista de mídia, era um filósofo que destacava a centralidade dos processos comunicativos na produção do saber, pois

Comunicação era, para ele [Freire], a ‘co-participação dos sujeitos no ato de pensar’, implicando um diálogo ou uma reciprocidade que não pode ser rompida. Contato e afeto eram, a seu modo de ver, categorias centrais para a compreensão do agir comunicativo, ensejando a distinção entre meios expressivos, como o jornal e a televisão, no interior do complexo midiático. [...]

Kant primeiro sustenta que uma sensação só se toma comunicável quando há acordo (Einstimmigkeit, eufonia) de afetos, o que pressupõe uma comunidade afetiva ou comunidade do gosto. Gosto, para ele, é a faculdade de julgar a priori a comunicabilidade (Mittelbarkeit) dos sentimentos, "a faculdade que toma o sentimento universalmente comunicável sem a mediação de conceitos". Cabe, portanto, ao senso comum (sensus communis) assegurar o caráter universal, logo transcendental, do gosto (SODRÉ, 2006, p. 22).

No Ocidente, a ordem divina e humana é reequilibrada: o teatro grego, por exemplo, foi ancorado nas doutrinas de Platão e Aristóteles, que apregoavam que o conhecimento (racional) era o meio de acesso a uma realidade superior – a Verdade como medida de todas as coisas. Já na doutrina cristã, Deus faz-se verdade e no conhecimento, a Ciência se faz Deus (SODRÉ, 2006).

Ao examinar a produção do Festival Rio Ouricuri e as atividades culturais de mobilização popular percebeu-se o desafio de compreender o alto envolvimento dos jovens nesta atividade, nas primeiras edições, não remuneradas, portanto, submetidas às compensações do sensível, envolvidas nele o acaso, o senso de comunidade, o afeto e a identificação.

No transe de sua quantificação científica e tecnológica, o mundo moderno começa a suspeitar mais fortemente dos afetos ou paixões, enquanto instâncias de confusão ou de uma desmedida socialmente indesejável. A civilização ocidental avança no sentido do controle (ora a medida técnica, ora a repressão) das pulsões, sejam sexuais ou agressivas. Até na guerra a sociedade civilizada impõe a seus membros um domínio rigoroso da afetividade, para que a capacidade de destruição se adapte à mecanização. A excitação guerreira passa a ser despertada por catástrofes, doutrinas e propaganda, como observa Elias: "É preciso perturbações sociais e uma grande miséria, é preciso, sobretudo, uma propaganda poderosamente orquestrada para despertar no indivíduo e legitimar de qualquer forma os instintos recalcados, as manifestações pulsionais proscritas na sociedade

civilizada, tais como o prazer de matar e de destruir. Na paz, a descarga das pulsões converge para a prática do esporte ou para o desfrute do espetáculo. (SODRÉ, 2006, p. 32).

Ao atuar tão próximo da equipe de produção, o autor desta dissertação percebeu uma motivação individual orientada pelo coletivo da qual é difícil produzir inclusive em trabalhos bem-remunerados. A intuição aponta para uma ação que, além de uma atividade profissional, mobiliza afetos e está enraizada na cultura do município e da região. Produzir um evento que cria um palco para aquelas bandas, artistas e empreendimentos, cujas estrelas cresceram com os produtores e compartilham memórias, vivências e fatos marcantes. Embora não seja possível quantificar, o afeto pela região e empenhado na produção do Festival possui um valor que permite que os indivíduos possam dispensar energia, tempo e recursos próprios não cobertos por aquele valor monetário previamente combinado. Sodré (2006) ajuda a compreender esse fenômeno na medida em que enuncia:

No horizonte da globalização, entendida como forma totalizante (mercado e vida social) do capitalismo mundial, todo valor é controlado por um sistema de trocas, sem qualquer outro compromisso além de sua positividade técnica. Inclusive o valor do sujeito, que é o afeto subsumido na interatividade do indivíduo com as máquinas de informação e comunicação. Isto se toma cada vez mais claro com a evolução das mais novas tecnologias da informação: na rede cibernética, o sujeito tende progressivamente a definir-se como usuário de serviços, que polarizam para o comércio, preferencialmente a qualquer outro tipo de motivação, a sua sensibilidade individual. Seu valor de sujeito é aquilatado por sua integração no ethos empresarial-midiático. (SODRÉ, 2006, p. 59).

O autor vai relatar a emoção como o elemento primeiro motivador da ação para realizar um percurso social, tal premissa se aplica ao Festival na medida em que se percebe que o senso de comunidade, a união em prol da criação de uma cena local de música, fora o elemento seminal na agregação social, é condutor das ações que culminaram enfim com a realização da edição do Festival.

A emoção é o que primeiro advém, como consequência da ilusão que fazemos de caminho para chegar à realidade das coisas. "A alma não conhece sem fantasia", ensina Aristóteles (Sobre a alma), indicando que inexistente o triunfo absoluto do logos sobre o mythos. Mesmo no interior da ciência, o mítico ou o ilusório podem fazer-se presentes, como sustenta Serres: "Um saber sem ilusão é uma ilusão toda pura. Onde se perde tudo e o saber. Trata-se mais ou menos de um teorema: não há mito puro senão o saber puro de todo mito. Eu não conheço outro tanto os mitos são cheios de saber e o saber de sonhos e de ilusões. (SODRÉ, 2006, p. 46).

Atualmente, as estratégias realizadas pela mídia de espetáculo ou pela cultura de massa são estratégias semelhantes ao uso industrial das sensações e emoções. Seja nos grandes shows de música popular, novelas, *best-sellers*, a emoção fácil é o produto com os quais se adulam os públicos levando ao riso ou ao choro. Estaria a emoção a serviço de um novo tipo de identidade coletiva e de controle social, travestida de felicidade? (SODRÉ, 2006).

Por outro lado, Sodré (2006) sugere a superação da dicotomia da razão x emoção na medida em que elas estão conectadas e de um polo a outro se imiscuem de tal modo que é difícil perceber onde começa uma e onde termina outra. Adverte o autor que é possível tornar estável o âmbito da afetividade tornando lúcidas as emoções. Eis aqui o que perscruta esta pesquisa, em que medida o afetivo e o racional emaranham-se na produção de um evento que transcende a sua necessidade imediata e parece estar fundado em uma necessidade de autorreferenciação e autonarrativa.

Tudo isso implica dizer que é possível estabilizar o campo da afetividade, tomando lúcidas as emoções, transformando-as em sentimentos. De forma mais simples: a emoção caracteriza-se por uma expressão compulsiva e excessiva, por um apego ao que é por demais particular, enquanto o sentimento define-se como afecção deliberada, consciente, refletida, lúcida e serena. O sentimento é a emoção lúcida. No empenho individual ou coletivo e pela serenidade, é possível uma crítica do transbordamento emotivo pela lucidez que conduz ao sentimento. Pelo sentimento passamos da dissociação entre sujeito e objeto a uma unidade, mesmo que provisória, entre os termos disjuntos, entre o um e o "alter". A densidade e a verticalidade do sentimento contrapõem-se, assim, ao horizontalismo e à precariedade afetiva da emoção. (SODRÉ, 2006, p. 55).

De outra maneira, é necessário perceber e considerar o Festival Rio Ouricuri pela formação de seus principais organizadores, eles pertencem a grupos marginalizados: negros, população LGBTQIA+ etc.

Analisar, então, a motivação desses sujeitos não pode prescindir de que esse espaço de envolvimento, criação e produção também é um espaço de resistência, de reivindicação de um lugar no mundo, e isso está expresso nas cores fortes da identidade visual, na seleção das bandas, na linguagem dos artistas, no orgulho de produzir o evento, na cenografia e até nas temáticas das oficinas e capacitações. Por exemplo, o Festival, embora esteja inserido na economia capitalista, mobiliza e elucida a necessidade de pensar outros modos de vida: temas como sustentabilidade,

agricultura familiar, sistema agroflorestais, democratização dos meios de produção etc. Portanto, compreender essa identificação com movimentos de resistência dá pistas proeminentes da motivação de criação do Festival.

#### 4.2 IDENTIDADE OU IDENTIFICAÇÃO?

Após discutir o conceito de sociação, sociabilidade, comunicação e o porquê de trabalhar com a categoria dos afetos e as estratégias da sensível, chego ao terreno da identidade e identificação para compreender os atravessamentos produzidos em uma atividade que mescla trabalho, lazer e autoestima: a participação em um festival. Embora algumas vezes os conceitos de identidade e identificação sejam utilizados como sinônimos, há entre eles diferenças significativas. Em linhas gerais, o conceito de identidade nas ciências sociais é acionado para atribuir caracteres culturais fixos a uma determinada comunidade, cultura etc. Já o conceito de identificação, mais contemporâneo nas ciências, preconiza que o sujeito, culturalmente, não é fixo. Ele, embora sitiado de referências territoriais, geográficas e políticas, possui a capacidade de eleger quais os caracteres o representam. Segundo Maffesoli (2006 p. 302): “O fio da meada que os une é mesmo o deslize progressivo da identidade em direção à identificação. Isso posto, trata-se de um processo. [...]. Ele é proteiforme, fugidio, complexo”.

Maffesoli (2006) refere-se neste momento ao que ele denomina lógica de identificação, que determinaria o estar-junto da socialidade. Segundo o autor, em muitos casos, é até perigoso porque determinados objetos, incluindo o cotidiano, não tem por hábito serem considerados como tal. O interessante é que o italiano defendeu que muitas agregações, que têm justificativas funcionalistas e bem-fundamentadas, são motivadas pela necessidade de estar-junto, a prioristicamente.

Assim, uma explosão estudantil, uma greve surpresa, nesse ou naquele meio profissional vão utilizar um conjunto de reivindicações racionais e funcionalistas, enquanto a preocupação essencial é o desejo de estar junto, e o prazer lúdico de exprimi-lo. É, aliás, essa ambiguidade que poder fazer tomar por um retorno ao individualismo o que era a expressão de um narcisismo coletivo. (MAFFESOLI, 2006, p. 302).

Isso posto antecipa o que se encontrou em campo ao entrevistar participantes do festival, que demonstraram em seu discurso, além de uma motivação financeira ou produtiva, o orgulho e autoestima de pertencerem a um espaço de produção social. Mais do que uma necessidade de sobrevivência, inferiu-se uma necessidade de

contar sua história, de fazer do cotidiano dos quais os músicos e artistas, seus amigos, produzem suas narrativas.

A ficção é uma necessidade cotidiana. Cada um para existir, conta-se uma história. É o que nos ensina a observação empírica, é o que ressaltam também abordagens eruditas. Em cada um desses casos, vê-se bem que o eu é só uma frágil construção, ele não tem substância própria, mas se produz através das situações e das experiências que o moldam num perpétuo jogo de esconde-esconde. (MAFFESOLI, 2006, p.303).

O Festival Rio Ouricuri ocupou na cidade de Capanema um espaço de proeminência e de possibilidades de identificação. A participação ou não do grupo que o aprecia ou o produz já demarca um posicionamento e uma escolha de identificação. Embora naturalmente haja diferenças entre os sujeitos que o compõem, eles possuem afinidades, eles se aglutinam por meio de alguns símbolos ou identificações.

O sujeito deve corresponder ao conceito previamente estabelecido. É aliás, a partir de uma visão teológica, ou mesmo normativa do mundo, que esse fecho individualista elabora-se. Em outras palavras, é porque o mundo “deve ser” isso ou aquilo que o indivíduo deve ter uma identidade. [...] existe um outro modo de abordagem que vai pensar o sujeito a partir do outro, ou da alteridade. Essa podendo designar os outros em torno de mim ou os outros em mim mesmo. Para retomar uma expressão de F Jaques, ‘a existência do eu está então, sem conceito’, ela constrói-se na relação, na lógica comunicacional. (MAFFESOLI, 2006, p.304).

Crer-se nessa premissa de que o sujeito se constrói na relação, no embate na seleção daquilo com o qual se ou não se identifica. E o Festival emerge como esse dispositivo que simultaneamente é produzido pelos sujeitos e produz esses sujeitos por meio de identificações.

É esse prazer com o próximo que vai dar a diversidade das micro-agregações, particularmente assinaláveis hoje em dia. Essas têm justamente por objetivo permitir a expressão de todas as facetas do caleidoscópio pessoal. Evade-se da pressão profissional. Foge-se da rotina do amor conjugal ou da do amante. Procura-se, pura e simplesmente, a estranheza do outro ou de si próprio, esquecendo as características da carteira de identidade. Ora, se essa busca de proximidade é anunciada atualmente, pode-se ligá-la às “camaradagens masculinas” que o etnólogo assina, com diversos nomes, no decorrer da história. (MAFFESOLI, 2006, p. 323).

É interessante observar em sua obra “No fundo das aparências” a importância que Maffesoli advoga à estética no seio social. A aparência, o gosto, escolhas individuais emergem como algo além de superficial, mas constitutivo da necessidade de vincular-se ao outro seja como motivo-fim ou ato provocador da socialidade. O

autor adverte que, em muitos casos, os esforços coletivos são inúteis em torno de determinadas causas, mas o estar-junto é o real motivador de festas, festivais, encontros etc.

Sejam esses atos de caridade, que quase sempre, têm tanto efeito quanto um “emplastro sobre uma perna de pau”, ou os pequenos grupos carismáticos de zelo apologético, bem deslocado em relação a sociedade global, sem falar da multidão de festivais culturais que, desde a chegada do verão, florescem em todos os lugares, todas essas manifestações usam o pretexto de uma ação a fazer, de um ideal a propor para favorecer a reunião, a comunicação. Não há, talvez, nada a dizer, nem grande coisa a comunicar, mas o importante é tornar visível essa coisa invisível que é a pulsão da troca, o desejo da viscosidade. (MAFFESOLI, 2006, p.330).

Ao ler esse trecho ficou mais evidente algumas movimentações políticas, seja da esquerda ou da direita, em que se deduz, em alguns casos, que as reivindicações não serão alcançadas, porém, isso não impede que a agregação, a mobilização deixe de acontecer. É esse imperativo social que explica também o nascimento do movimento Cultura em movimento (do qual o Festival é parte constituinte), segundo relatos dos participantes, não havia estrutura mínima para produção dos eventos ou atividades culturais.

No entanto, esse desejo de vinculação, mais até do que a mudança do curso dos acontecimentos, talvez seja a força motriz do laço social. No caso do Festival Rio Ouricuri, essa força é deveras diferenciada, uma vez que a maioria dos participantes possui uma forte identificação com o lugar ao qual o festival acontece, porque a maioria de seus sujeitos nasceu ou cresceu nesse local. Segundo Maffesoli (2006):

[..] o enraizamento espacial é como um molde que, porque é comum a todos, fortalece a criação desses nós cuja surpreendente solidez é conhecida. A referência à ‘terrinha’, ao bairro, à cidade, coisas mais ou menos míticas, está aí para lembrar a nostalgia da origem que assedia cada indivíduo. (MAFFESOLI, 2006, p. 335).

Essas foram as palavras reconhecidas quando se perguntou qual a motivação de participação no Festival: pertencimento e orgulho foram recorrentes quando os sujeitos relataram suas motivações para participar.

A busca das raízes, que, de diversos modos exprime-se particularmente bem hoje em dia, remete certamente a esse perdurar territorial. À imagem dessa terra a que cada um retornará, o espaço é mesmo onde nos perdemos mas também o que permite que nasça e cresça um conjunto mais vasto, onde uma



parte de mim manter-se-á, nem que seja na lembrança. (MAFFESOLI, 2006, p. 35).

Concorda-se ainda com Maffesoli (1996) quando ele enuncia a dominância estética na sociedade e o quanto ela é relevante como diagnóstico de socialidades e marcas de uma sociedade. Dessa maneira, compreende-se que a arte e estética estão indissociavelmente conectadas ao *zeitgeist* daquele local e quando os indivíduos se reconhecem, se enxergam, automeiam-se um grupo e autoproclamam sua identidade, eles adquirem forças e mobilizam estratégias para reconhecer seu lugar no mundo e exigir aquilo que lhes é devido.

É nesse sentido que se utiliza Maffesoli (1996) neste trabalho: pela tônica que ele reivindica para estética e sua prevalência no seio social. Segundo o autor, é justamente quando entra em decadência o mito do desenvolvimento e do progresso é que emerge a percepção de que a divindade deixa de ser uma entidade tipificada e unificada para se dissolver no conjunto coletivo para se tornar o “divino social”.

Para ser mais preciso, a divindade não é mais uma entidade tipificada e unificada, mas tende a se dissolver no conjunto coletivo para se tornar o “divino social”. É quando o mundo é devolvido a si mesmo, que vai se acentuar o que me liga ao outro: o que se pode chamar ‘relição’. (MAFFESOLI, 1996, p. 27).

É assim que Maffesoli (2006, p.27) compreende “a vontade de poder enquanto arte evocando Nietzsche para dizer que somente Deus e seus ‘herdeiros’ (Estado, história, progresso) são capazes da criação ou recriação de todas as coisas”. Nesse sentido, diante do aumento da complexidade das cidades pelo qual Capanema passa, entendo o movimento cultural como essa tentativa de relição dos sujeitos à medida que as cidades vão crescendo, os laços sociais vão se tornando mais frágeis e superficiais. É esse sentimento de pertencimento (MAFFESOLI, 2006) que engendrará o poder de existir propiciado por uma sociedade que se autônoma, que recolhe e seleciona aqueles traços distintivos para construir sua identidade. Após delimitar qual conceito de identificação refere-se este trabalho, faz-se necessário descrever o surgimento do Festival Rio Ouricuri e quais pistas culturais elas fornecem para sua compreensão.

**5 FESTIVAL RIO OURICURI – MÚSICA, ARTE E SUSTENTABILIDADE:  
SOCIALIDADES, AFETOS E PRODUÇÃO CULTURAL NA AMAZÔNIA URBANA  
PARAENSE**

VITAL (Alezado)  
 Comedor de mato  
 do mato azarado  
 plantas são vitais, e eu  
 tô vitaminado  
 mato do meu dia  
 tudo o que eu comia, que era morto e dava azia  
 propriedades de esgoto  
 que não se esgotam  
 importar da Ásia  
 a carne do porco  
 pra todo esses porco  
 aumentarem as carne  
 inclusive no preço, diminui meu prato só pra não ficar no osso  
 esse é o agronegócio,  
 e entre nós tem vários sócio  
 ócio não faz a revolução ser construída  
 onde um dos maior açougue se chama terra viva  
 eu tô aqui cantando vida (vital)  
 não entre nessa chacina (se não)  
 vai morrer com o rei na barriga, mano  
 RAP na Amazônia tem que plantar  
 pra nós continuar vingando e tal.

Vital escolho o que é vital, agroloucos tão criando um alimento  
 do mal (4x)

(Said)

Mata na mata mas só se for por esporte  
não tem celebração se não tiver a morte  
da fauna, da flora, de gente, de nada  
que venha a ter um pingo de sorte  
pois bem,  
o corte e a caça agora é no supermercado  
já nem  
carregam mais seus fardos  
trajados de fardas e as vezes de terno  
bem vindo ao tempo dos caçadores modernos  
tá calor  
tão queimando a floresta pra fazer grana, pra fazer grama, pra  
fazer festa  
fecha logo o caixa e vai tarde pra casa  
sabendo que vai tá faltando água, usada pra deixar  
a grama molhada, a vaca alimentada  
pra depois ser abatida, empilhada  
talvez consumida  
resto apodrecido ou descartado  
o que puder  
vai ser reciclado  
por pessoas que não tem se alimentado  
por motivos de não ter um trocado, mano  
tá tudo errado, tipo  
imagina uma senhora idosa em idade avançada  
Mãe Gaia tá adoentada  
mal cuidada, abandonada pelos filhos que tão  
fazendo trilhos  
e filhos  
e filhas  
e pilhas  
de embrulho

de lixo

de entulho

de bixo

dinheiro

(é só o que importa pra eles)

Vital escolho o que é vital, agroloucos tão criando um alimento do mal (4x).

O “Festival Rio Ouricuri: música, arte e sustentabilidade” foi um conjunto de ações realizadas pela sociedade civil de cultura de Capanema. Os eventos que o compõem ocorrem desde 2017. Em 2021 ocorreu sua 3ª edição, objeto desta dissertação, que investiga as formas de sociação<sup>18</sup> por ele produzidas. Como o subtítulo antecipa, o projeto se estrutura em três eixos: música, arte e sustentabilidade e contempla apresentações musicais, artísticas e oficinas e palestras que sensibilizam para a necessidade de hábitos e ações de preservação do meio ambiente.

O Festival Rio Ouricuri – Música, Arte e Sustentabilidade nasceu da necessidade de incentivar e valorizar a produção artística e cultural de Capanema e região Rio Caeté, além de chamar a atenção do público e autoridades para a importância de se estimular hábitos e práticas sustentáveis da intervenção do homem no nosso planeta, pensando e discutindo nossos problemas a nível global e agindo localmente.<sup>19</sup>

Além da preocupação com o meio ambiente, uma de suas características mais destacadas, o Festival congregou tanto o público consumidor de música e arte como os agricultores, que foram os principais beneficiários das oficinas promovidas pelo Festival, que buscou valorizar práticas ecologicamente corretas já promovidas por alguns dos sujeitos envolvidos e consolidá-las como uma estratégia de preservação da natureza da região. Geovane Maximo, produtor cultural da cidade e coordenador geral do Festival, em entrevista, contou sobre a experiência de contribuir com a realização de um projeto inédito no interior da Amazônia paraense.

---

<sup>18</sup> Em meu entendimento é “o resultado de um processo construído, ininterruptamente, através das relações, das interações que se estabelecem entre os mais diversos elementos e conteúdos (SIMMEL, 2006) presentes num dado contexto social” (CASTRO, 2020, p. 292).

<sup>19</sup>[https://www.capanema.pa.gov.br/informa.php?id=93&fb\\_comment\\_id=1411298448990425\\_1413037772149826](https://www.capanema.pa.gov.br/informa.php?id=93&fb_comment_id=1411298448990425_1413037772149826).

“Gostei de participar, principalmente por poder contribuir com a realização de um projeto que é vanguarda no sentido de ser um espaço, onde diversos agentes atuam através de um festival para intervir de forma positiva na transformação da sociedade e na medida do possível impactar e apresentar novas demandas para criação ou implementação de políticas pública. Um festival que ao mesmo tempo é uma mostra cultural e incentivo à produção cultural local posiciona-se como um importante espaço de exercício de cidadania, legitimação e defesa da democracia.” (Geovane Maximo, entrevista concedida em fevereiro de 2022).

Um dado interessante a se recuperar é que a realização do Festival Rio Ouricuri coincidiu com um amadurecimento em torno da classe artística que começou a se mobilizar de maneira mais intensa por políticas públicas em meados de 2010. Antes do Festival e dessa mobilização realizada, poucos grupos tinham acesso a recursos culturais públicos e o protagonista era, sobretudo, o grupo cultural Os Timbiras que em novembro de 2021 foi reconhecido como de utilidade pública do município de Capanema.

O autor desta dissertação, enquanto produtor cultural, assistiu ao início dessa mobilização nas salas do Campus Universitário da UFPA de Capanema, em 2013. Lá discutiam-se e buscavam-se alternativas de associação e mobilização dos artistas para pressionar a classe política e conquistar a classe empresarial para desenvolvimento e profissionalização do setor artístico da cidade. Interessante perceber que, como citado acima, mais que uma alternativa de sobrevivência, as reuniões eram dotadas de determinado senso de comunidade, coincidindo com o relato de Giselle Targino, analista do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae):

“as duas emoções mais marcantes que o festival gerou em mim foi primeiro a satisfação íntima em saber que existe uma rede de jovens que valoriza a cultura local, especialmente cultura, a cultura ligada à gestão ambiental e a outra é uma sensação de pertencimento, de pertencer ao mundo, de pertencer ao ritmo diário da natureza, a uma vida mais simples.” (Gisele Targino, entrevista concedida em fevereiro de 2022).

Ao discutir o Festival, foi necessário questionar qual conceito estava sendo acionado ao utilizar a palavra festival, hoje, tão polissêmica. Petitinga (2008) faz um interessante panorama ao discorrer sobre os significados dessa palavra através dos séculos e concentra-se em quatro aspectos: o impacto turístico de eventos dessa categoria, a geração de emprego e renda decorrente dela, as contribuições para a música independente e como festivais contribuem para a construção da imagem local.

Nesse sentido, interessa aqui mais o quarto aspecto, já que ele dialoga com a motivação dos produtores do evento analisado, já que nesta pesquisa investiga-se a motivação pessoal dos realizadores e a mobilização de pertencimento à cidade, região e a conexão pessoal com os artistas locais. Por isso, compreendo a produção cultural como uma atividade que, embora possua e seja influenciada pela lógica capitalista, identifica-se nela a presença de espaço para o afeto na medida que os sujeitos estão envolvidos também emocionalmente nos trabalhos, o que segundo Moriceau (2020) é:

Uma pesquisa que privilegia os afetos permite vários níveis de leitura e aponta a complexidade e riqueza da empiria. É preciso conferir aos atores pesquisados a maior parte da responsabilidade de confeccionar sua representação. O pesquisador deve aproximar-se de uma expressão mais bruta de suas falas e relatos, considerando a justeza de sua própria maneira de se expressarem e contarem a si mesmos, sem esconder os paradoxos ou contradições nas falas. (MORICEAU, 2020, p. 14).

Vale ressaltar que embora a inserção dessa dimensão do afeto seja um esforço de inserir uma dimensão mais complexa do fenômeno, reconheço aqui a dificuldade e incapacidade do trabalho de dar conta da complexidade do fenômeno. Por isso, a própria experiência do pesquisador como coordenador de comunicação da última edição do festival integra as percepções desta pesquisa.

Na medida em que nas ciências humanas o distanciamento é mais difícil, é reconhecível essa proximidade e envolvimento com o objeto não como um elemento dificultador para acessar o objeto, mas um facilitador. Por isso busquei o diálogo com diferentes sujeitos com envolvimento diversos com o Festival, é o caso da artista Demy Damasceno que participou pela primeira vez do evento como diretora de arte e cenógrafa. Interessa acioná-la para perceber quais foram as formas sociais produzidas nesse seu primeiro encontro com produtores culturais locais, sendo ela mesma uma capanemense.

Ao ser questionada sobre quais sensações o Festival gerou, ela respondeu que teve a “sensação de pertencimento a um projeto local e troca construtiva entre vários artistas e produtores e a emoção de ver um festival cultural inédito na cidade que valoriza os artistas e a economia criativa da região” (Demy Damasceno, entrevista concedida em 2022). Essa dimensão afetiva vai ao encontro do relato do coordenador geral:

“As emoções foram muitas. Mas destaco principalmente os sentimentos de auto realização, empatia e solidariedade. Autorrealização porque os desafios impostos pelo festival me proporcionaram a oportunidade de dar o meu melhor e perceber como retorno o potencial que temos de superar nossas limitações, aproveitar as oportunidades e contribuir para melhorar as coisas ao nosso redor e, conseqüente, melhorar a nós mesmos, uma forma de lapidação pessoal forjado num processo de experiência coletiva. Empatia, porque pude perceber que nem todos estavam em seu melhor momento profissional ou de saúde física e mental, e que nem todos diante das suas limitações, conseguiram naquele momento entregar o melhor de si e era preciso diante disso ser compreensível, de que embora eu desse o melhor de mim, algumas coisas não dariam certo porque não dependiam somente de mim, e que as pessoas embora não entregassem um resultado conforme eu esperava, entendia que aquilo faz parte do processo da pessoa e também do processo coletivo, que deixa muitos aprendizados. Solidariedade, porque todo processo de construção coletiva envolve na esfera pessoal empatia, como já mencionado, e na esfera coletiva, precisamos muito ser solidários, pois o festival conseguiu reunir diversas cenas e organizações, com suas visões de mundo e suas lutas, e era necessário entender o momento, as limitações e os potenciais de cada um, e deixar todos muito bem à vontade para se somar ao projeto e perceberem sua proposta e como poderiam se somar a ela com suas demandas, para que o resultado final, também fosse compreendido como fruto do esforço coletivo e do encontro entre todos. (Geovane Maximo, entrevista concedida em 2021).

Esses dois relatos expressam um elevado nível de envolvimento emocional que é naturalmente mais pronunciado em projetos de produção cultural, especialmente àqueles em que a produção ainda não alcançou e se adaptou totalmente à lógica de produção capitalista, em que a profissionalização, via de regra, conduz gradativamente a um estágio de menor envolvimento emocional. Por outro lado, percebi no relato de Demy Damasceno o quanto as questões práticas de prazo e limitação orçamentária também têm implicações no trabalho dos profissionais criativos.

“A experiência foi positiva, poder trabalhar em um festival local com produtores culturais de várias áreas é importante pra todo artista. A dificuldade que encontrei foi adaptar o tempo hábil de desenvolver uma proposta de cenário e o fato de não morar na cidade dificultou as visitas técnicas necessárias pro desenvolvimento do projeto cenográfico.” (Demy Damasceno, entrevista concedida em 2022).

É importante ressaltar as tensões produzidas nesse processo conduzido pela sociedade civil de implantação do PMC, do qual o Festival é um dos resultados. Segundo Geovane Maximo, a ausência do poder público local foi sentida, especialmente no ciclo de debates realizado em parceria com a UFRA Capanema, por meio do projeto de extensão cONversando, liderado pela professora Eleci Silva.

“O que menos gostei foi da ausência de participação do poder público local, a exemplo da Secretaria Municipal de Meio Ambiente, quando [foi] solicitado

a sua colaboração em alguns espaços formativos, onde poderia trazer informações públicas fundamentais para se visualizar os fatos e seus desafios, e quem sabe junto com a sociedade aproveitar o espaço e alcance do festival para criar e apresentar soluções conjuntas. (Geovane Máximo, entrevista concedida em 2022).

Na visão de Alexandre Assis, coordenador de produção e produtor dos vídeos que versaram sobre sustentabilidade e outros demais materiais do festival, o evento gerou as sensações e emoções de “felicidade, gratidão, realização, empatia e paciência”. Em sua percepção, participar do festival foi uma oportunidade de inserir sua visão de mundo em um espaço de produção cultural e criativa.

“Como produtor de vídeos eu tive a experiência de poder colocar minha própria visão no material, além de ter participado desde a criação desta edição. Foi muito importante pra minha carreira poder ter contato com uma equipe que me apoiou e contribuiu pra que eu pudesse concluir minhas demandas, me dando maior agilidade nas operações que me cabiam.” (Alexandre Assis, coordenador de produção do Festival, entrevista concedida em 2021).

Moriceau e Paes (2014; 2016, p. 13) advertem que “A experiência estética nos lança no desconhecido, no inesperado, em um turbilhão de sensações, insights e reações que nos levam a repensar nossos quadros de conhecimento”, ambos os autores defendem que o caráter relacional e a característica da experiência estética é algo exterior ao sujeito, mas que se endereça a cada um de nós de maneira particular.

O trecho dos autores citado acima reforça o sentimento expresso por Geovane Máximo e Alexandre Assis de pertencimento e autoestima produzido pelo Festival e o quanto uma iniciativa cultural é capaz de atravessar os sujeitos. Nos depoimentos coletados percebi o orgulho, ou no mínimo, a falta de vergonha de pertencer (vir/ou ser) do interior. É o caso da editora Aline Fonseca, que relatou: “O festival trouxe para a sua programação artistas do interior paraense com trabalhos autorais da atualidade. Isso fez eu procurar ter mais interesse na cena alternativa e cultural dos municípios que participaram”. Sua declaração seguinte aponta para o Festival como essa experiência estética que mesmo sendo exterior ao sujeito é capaz de convidar a um encontro com nossa identidade.

“Eu participei do festival com a montagem de vídeo e também participei da produção de filmagem. É gratificante poder experienciar momentos como esse, visualizar fazedores de cultura, artistas visuais e músicos se unindo em um mesmo espaço, garantindo um conteúdo tão único que vem das margens de rios e que permanecem nas margens. Conseguir capturar um pouco de histórias de pessoas que fazem o movimento acontecer, cada um no seu nicho, seja na agricultura, na pesca, marujada, carimbó, rock, hip-hop. Divulgar esses cenários foi um grande ganho para a nossa região. E para mim foi uma honra.” (Aline Fonseca, editora de vídeo do Festival, entrevista concedida em 2021).



À medida que avanço nos relatos, mais percebo um nível de alto envolvimento em que o trabalho e o afeto se fundem de maneira até difícil de diferenciar. Segundo Aline Fonseca, “O festival me trouxe algo que eu considero muito íntimo. Pois, convivi e até mesmo convivo com a maioria dos músicos que subiram aquele palco”. Segundo Aline, aquele é um encontro de pessoas que se conhecem e decidiram se dedicar à sua arte.

“Pessoas que assim como eu acreditam que o podemos construir e dar força aos sons que nós libertamos, que os vizinhos e reclamam e que até mesmo estes vizinhos podem nos conhecer e entender o valor de nos expressarmos. Eu chorei, gritei, bati cabeça, balancei minha raba. E deixa eu te falar... Alguém fez da minha voz um solo de guitarra, me senti homenageada. O quão é importante pra mim estar inserida nesse meio é a mesma importância de todos estarem assistindo e se envolvendo com algo que é tão nosso, tão interiorano e tão nostálgico.” (Aline Fonseca, editora de vídeo do Festival, entrevista concedida em 2021).

Na fala de Aline consigo perceber o orgulho de pertencimento ao interior de uma maneira empolgada e orgulhosa, são falas que ressignificam o termo interiorano e o reveste de um novo sentido a partir da relação estética com o Festival que valoriza e mediatiza os seus artistas, narrativas e vivências. Em todas essas falas abre-se caminho para reivindicação de uma Amazônia outra, além do binômio metrópole/zona rural e a invisibilização de seus sujeitos que não se encontram nas grandes cidades e nas zonas rurais. A pesquisa prossegue nesse sentido, destacando a necessidade de não somente enxergar seus sujeitos, mas também as práticas culturais oriundas desses espaços de criação, produção e circulação de culturas.

Inicia-se aqui um breve relato livre descrevendo a participação do autor desta dissertação no Festival Rio Ouricuri trazendo inspiração em relatos etnográficos, limitando a descrição apenas ao primeiro dia, de acordo com anotações que possibilitaram o registro dessa data.

A jornada do autor desta dissertação no Festival teve início em um orçamento como coordenador de comunicação enviado a Geovane Maximo em novembro de 2020. A gravação do Festival teria seu início nos dias 14 e 15 de agosto de 2021, quase um ano após diversas reuniões e produções de materiais.

O dia 14 começou cedo, partindo de Belém às 8h, com uma amiga de carro. Ao chegar na cidade, por volta de 11h, direcionei-me ao Clube Midas, local do evento, foi

quando eu e minha amiga nos deparamos com uma cenografia ainda incipiente. Fato que me assustou e angustiou. Ao conversar com a cenógrafa, que fora minha indicação, iniciamos uma operação para completar o fundo do palco, já que em minha avaliação aquela quantidade de vegetação era insuficiente para que o resultado planejado fosse alcançado.

Certo nível de tensão é percebido, já que um dos integrantes que fora designado para fornecer apoio operacional para a cenógrafa reclamava do excesso de trabalho, sendo que foi um combinado prévio. Irritado, pois esse atraso no cronograma de execução da cenografia leva ao direcionamento de toda a minha atenção para resolver a questão. Acionei meu irmão e consegui uma carrocinha para recolher as plantas que minha mãe possuía em casa. Enquanto isso, os demais participantes realizaram a montagem do cenário e acompanharam o ensaio das bandas. Minha amiga, que oferecera carona para Capanema, também se dispõe a auxiliar utilizando seu carro para buscar vegetação em igarapés que ficam bem próximos da cidade. Pouco antes da gravação, o cenário estava pronto e as bandas começam a chegar para se apresentarem para a captação do Festival. Realizamos algumas trocas nas ordens das bandas para priorizar a apresentação das que vinham de longe e dependiam de transportes de linha para retornarem para suas cidades. Paralelo a isso, ocorreu um confronto entre uma artista que pleiteava um apoio de alimentação, hospedagem e receptivo aos coordenadores do Festival e reclamava de maus-tratos.

A coordenação geral defendia-se, baseada nos termos da seletiva, que explicitamente informava que o valor de cachê seria o valor total e deveria ser suficiente para cobrir todos os custos indiretos da participação no evento. Iniciamos o primeiro dia de gravação, que começara com certo clima de tensão por causa dessa cobrança. Em seguida, realizei a passagem de texto do roteiro com o apresentador Raul Bentes. Nesse momento, tudo começou a transcorrer bem. Realizamos a gravação com os artistas e a gravação das entrevistas antes e depois do palco e que seriam veiculadas nas redes sociais do evento.

Encontrei alguma tensão nessa fase, já que a empresa que realizou a captação e edição da *live* é exterior ao grupo de cultura que trabalhara durante quase um ano para a realização do festival. Em alguns momentos, essa diferença de “sintonia” gerou alguns desconfortos quando um dos membros da empresa fornecedora da *live* pediu que o apresentador solicitasse que não passassem em frente do palco, sendo que

isso ocorreu logo após um dos membros da equipe de organização do festival estar se aproximando do palco para o registro fotográfico. Realizamos a gravação de todos os artistas da primeira noite e finalizamos a gravação. Retornamos para casa e iniciamos a gravação do segundo dia de gravação, que será publicizado posteriormente em forma de artigo acadêmico.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao fim desse percurso, embora reiterando que esta pesquisa não possui pretensões definitivas, compreendi o Festival Rio Ouricuri como parte da cultura de Capanema, portanto, do Nordeste paraense. Percebi, nesse sentido, o quanto atividades produtivas podem estar impregnadas de afetividade e atravessadas pelo sensível, aquilo que Muniz Sodré (2006) já antecipara em sua obra.

Por outro lado, observei como a cultura é um espaço de disputa de identidades: enquanto parte da cidade é extremamente influenciada pela cultura nordestina, sertanejo e outros ritmos “comerciais”, o Festival Rio Ouricuri emergiu como uma tentativa de uma existência e resistência amazônica diversa que coloca em pauta sustentabilidade e crítica social. Um exemplo disso apareceu no Festival, no clipe “Vital”, dos artistas Gessica Lima, Said e Alezado, que critica a cultura agropecuária e seu caráter predador de usos de espaços para criação de rebanho e consumo da carne. Identifiquei que esse movimento não é monolítico e como tal é suscetível a paradoxos semânticos e também ideológicos. A própria inserção recente do grupo “Comunicação em Movimento” como integrante de uma proposta de campanha a deputado estadual aponta para a necessidade de criação de laços políticos para manutenção de ações que exijam recursos materiais e financeiros e que podem ameaçar, de certo modo, a autonomia do Festival Rio Ouricuri.

Esta dissertação evidenciou a importância da criação de espaços para criação, produção e circulação de produtos culturais do interior e de uma estratégia própria para sua produção autoral diversa de ritmos, influências e identidades. Paralelo a isso ela demonstrou como as relações de poder não são monolíticas, tendo o governo municipal ora apoiado o grupo “Comunicação em Movimento”, ora sendo moroso na criação de dispositivos que dariam condições materiais para que a população e grupos culturais obtivessem os recursos necessários para produção de arte e cultura de forma digna e justa socialmente. Outro fator importante que emerge desta pesquisa é que o Festival apresentou uma face oposta à identidade do município: a presença e importância do local do trabalho como elemento de construção de identidade dos locais. Os participantes do Festival, embora também trabalhem nesse evento, usufruem e reforçam a necessidade do lazer enquanto dimensão necessária da vida. É necessário divertir-se, cantar sua vida, contar sua história, celebrar com os seus e deixar sua marca no local onde se nasce e se cresce.

É importante assinalar a experiência estética propiciada não só pelos espectadores das transmissões, mas sobretudo pelos realizadores. Em várias falas, percebi uma transformação da autoestima do interior, que foi sendo reconquistada por meio do alcance dos meios de comunicação do Festival ou do reconhecimento por outros meios de comunicação, inclusive com coordenadores do Festival sendo entrevistados por veículos de comunicação diversos.

O trabalho também serviu para perceber o quanto cidades como Capanema são atravessadas por uma lógica muito próxima de cidades nordestinas de médio porte. Nelas, a paisagem cultural é extremamente marcada pelo lugar central do trabalho. Por esse motivo e outros, observei que existe uma Amazônia diversa em Capanema e que muitas vezes, ela é carente de representações na TV aberta, em portais regionais etc.

Por fim, reconheço que o motivador inicial da pesquisa, ao desvelar se essa sociabilidade revelaria uma Amazônia diversa da visão predominante (floresta/urbana/imaginário fantástico), foi conduzida naturalmente para apreender outros caracteres de cidades do interior da Amazônia que ainda têm muito a serem descobertas, seja a convivência com um cotidiano que padece de diversos problemas sociais comuns a outras cidades, mas também que detêm uma riqueza cultural e uma produção de arte pulsante que muitas vezes escapa à maioria das representações.

## REFERÊNCIAS

- AMORIM, Célia R. Trindade Chagas; CASTRO, Marina R. Neves; COSTA, Alda Cristina S. Visualidades sociopolíticas de resistência na Amazônia: Uma etnografia *on foot* das lutas das mulheres e feministas nas ruas de Belém do Pará. *In: PINTO-COELHO, Zara; BRANDÃO, Ana Maria; MOTA-RIBEIRO, Silvana (Eds.). Do poder político e discursivo das imagens de protestos feministas. Braga: CECS, 2021. p. 87-115.*
- ANDERSON, B. **Comunidades imaginadas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- BALÉE, William. 2008. Sobre a indigeneidade das paisagens. **Revista de Arqueologia**, v. 21, n. 2, p. 9-23.
- CASTRO, Fábio F. A identidade denegada. discutindo as representações e a autorrepresentação dos caboclos da Amazônia. **Revista de Antropologia**, n. 56, v. 2, p. 431-75. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/ra/article/view/82538>. Acesso em: 16 jan. 2022.
- CASTRO, Fábio Fonseca de. Dalcídio Jurandir e os Heréus de Marajó. **Moara**, n. 27, p.9-25, 2007.
- CASTRO, Marina R. N. Etnografia sensorial e experiência sensível: experienciando a carne do mundo. **Amazônica - Revista de Antropologia**, v. 13, n. 1, p. 289 -310, 2020.
- COSTA, Vânia. **À sombra da floresta: os sujeitos amazônicos entre estereótipo, invisibilidade e colonialidade no telejornalismo da Rede Globo**. 2011. 295 f. Tese (Doutorado em Comunicação) – Universidade Federal Fluminense, 2011.
- CUCHE, D. **A noção de cultura nas Ciências Sociais**. Bauru: Edusc, 1999. pp. 175-202.
- CULTURA EM MOVIMENTO. **Manifesto**. Capanema: Ascap, 2021.
- FRANÇA, Vera. O objeto e a pesquisa em comunicação: uma abordagem relacional. *In: MOURA, Cláudia; LOPES, Maria I. (Org.). Pesquisa em comunicação: metodologias e práticas acadêmicas*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2016. v. 1, p. 153-174.
- LIMA, Luciano Demetrius Barbosa. **Dos trilhos às rodas: memórias e histórias de Capanema**. Belém: Editora Paka Tatu, 2005. 399p.
- MAFFESOLI, Michel. **No fundo das aparências**. Petrópolis: Editora Vozes, 1996.
- MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa**. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 2006.
- MORICEAU, Jean-Luc; PAES, Isabela. Performances acadêmicas e experiência estética: um lugar ao sensível na construção do sentido. *In: PICADO, Benjamin; CARDOSO FILHO, Jorge (org.). Experiência estética e performance*. Salvador: EDUFBA, 2014. p. 107-129.
- MORICEAU, Jean-Luc; PAES, Isabela. An apprenticeship to pleasure: aesthetics dynamics in organizational learning. **Society and Business Review**, v. 11, n. 1, p. 80-92, 2016.

MORICEAU, Jean-Luc. **Afetos na pesquisa acadêmica**. Belo Horizonte: Selo PPGCOM-UFMG, 2020.

QUERÉ, Louis. D'un modele épistemologique de la communication à un modèle praxéologique. **Reseaux**, n. 46/47, 1991.

SIMMEL, Georg. **Georg Simmel**: sociologia. São Paulo: Editora Ática, 1983.

SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental. *In*: VELHO, Otávio Guilherme (org.). **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1967 [1903].

SIMMEL, Georg. **Questões fundamentais da Sociologia**: indivíduo e sociedade. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

SODRÉ, Muniz. **As estratégias sensíveis**: afeto, mídia e política. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2006. 230p.

RIO OURICURI. **Relatório 1ª edição do Festival**. Capanema: MCC/ASCAP, 2017.

RIO OURICURI. **Relatório 2ª edição do Festival**. Capanema: MCC/ASCAP, 2018.

RIO OURICURI. **Relatório 3ª edição do Festival**. Capanema: MCC/ASCAP, 2019.

RIO OURICURI. **Textos de inscrição ao processo seletivo de artistas para o festival**. Capanema: MCC/ASCAP, 2021.